

Tomás Cabreira Junior e Mario de Sá-Carneiro

AMIZADE

PEÇA ORIGINAL EM 3 ACTOS



LISBOA — 1912

EDITOR — ARNALDO BORDALO

RUA DA VITORIA — 42

Deposito no Porto — Livraria de José Ribeiro Novaes J.^{or}

190 — Rua do Almada — 192

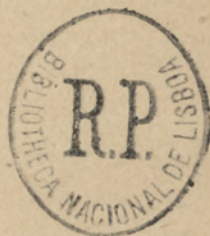
Tomás Cabreira Junior e Mario de Sá-Carneiro

Lit. 4.345

AMIZADE

PEÇA ORIGINAL EM 3 ACTOS

*Representada pela primeira vez por intermédio
da SOCIEDADE DE AMADORES DRAMATICOS, no teatro
do Club Estefânia, em 23 de março de 1912*



N. 50.341

LISBOA — 1912

EDITOR — ARNALDO BORDALO

RUA DA VITORIA — 42

« ... une amitié ayant abouti fatalement au don de la personne, comme il arrive entre homme et femme. »

EMILE ZOLA — *L'Argent*, pag. 224.

PERSONAGENS

AFONSO, 40 ânos.....	<i>Mario Duarte</i>
CESÁRIO, 48 ânos (aparenta mais de 50).	<i>R. Garcia Perez</i>
RICARDO, 20 ânos	<i>João de Carvalho</i>
UM CREADO.....	<i>Carlos Infante de Mello</i>
RAQUEL, 37 ânos.	<i>Emilia Ferreira</i>
MARIA, 18 ânos	<i>Leopoldina Nilo</i>

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LUCAS

Rua do Diario de Noticias, 93

ACTO PRIMEIRO

Uma vasta sala. Decorações de côres sombrias. Ao centro um bufête de pau-santo ; á esquerda um piano. As portas necessarias e, ao fundo, uma mais ampla dando para um jardim. Nos primeiros dias de maio. Manhã de sol. — A acção decorre numa propriedade, a vivenda do Dr. Afonso da Silveira, situada nos arredores de Lisboa. Atualidade.

SCENA I

Um creado — Maria

(Quando o pão sobe o creado separa a correspondencia em cima do bufête)

Maria *(entrando por uma porta lateral)* — O correio trouxe alguma coisa para mim ?

O creado — Não, menina.

Maria *(que tirou a «Fêmina» dentre a correspondencia)* — Se o senhor Ricardo perguntar por mim, diga-lhe que fui para o terraço.

O creado — Perfeitamente.

(Maria sae pela porta do fundo)

SCENA II

O creado — Ricardo

Ricardo *(entrando)* — Ah ! já chegou a correspondencia... Veio hoje mais cedo, parece-me. *(procura o que veio para si e recebe algumas cartas que lhe são entregues pelo creado)* Mais nada ? Não veio nenhum livro ?

O creado — Está aqui tudo quanto o correio trouxe.

Ricardo — Paciência... A menina onde está, sabes ?

O creado — Foi agora mesmo para o terraço.

(Ricardo sae pela porta do fundo)

SCENA III

O creado — Raquel

Raquel (*entrando com duas jarras com flores que coloca em cima duma mesa*)—João, ha de dizer ao jardineiro que é preciso apanhar um cesto de rosas para mandar á senhora Baronesa. Eu quis-lhe falar mas não o encontrei.

O creado — Julgo que foi á cidade comprar umas ferramentas.

Raquel — Bem... Não se esqueça de lho dizer quando êle voltar. (*o creado entrega-lhe algumas cartas*) Só isto? Não veio a «Fémina»?

O creado — Veio sim, minha senhora. Tem-na a menina.

Raquel — Já foi levar o correio ao senhor Doutor?

O creado — Não, minha senhora. O senhor Doutor está trabalhando no escritório e preveniu que não queria ser incomodado.

Raquel — E' certo. Mas agora já pode ir. Acabo de lhe falar. Já terminou os seus trabalhos.

O creado — Nesse caso...

(*Sae pela direita baixa levando as cartas para o Doutor em uma bandeja*)

Raquel (*Abre as suas cartas. Uma é uma conta da modista. O seu rosto mostra descontentamento. Em voz baixa*)--Estas modistas... Cinqüenta mil réis... E' exorbitante!...

(*O creado atravessa a scena e sae. Raquel abre outras cartas. Sente-se uma campainhada*).

O creado (*entrando de novo*)—Está ali um sугeito que deseja falar á senhora. Não me deu cartão.

Raquel — A mim? Isso ha de ser equívoco. E' com certeza uma visita para o senhor Doutor.

O creado — Peço desculpa... Elle explicou-se bem: Disse que procurava a senhora Dona Raquel.

Raquel — E' extraordinario! Uma visita tão matinal e que nem sequer diz o nome... (*depois duma pequena hesitação*) Diga-lhe que o não posso receber. Não recebo desconhecidos...

(*No mesmo momento em que o creado vae a sair, entra Cesário*).

SCENA IV

Raquel — Cesário

Cesário (*entrando*)—Perdão. Eu não sou um desconhecido.

Raquel (*cheia de assombro*) — Cesário!... O senhor?...

Cesário — Eu mesmo... Cesário Gil em pessoa!...

Raquel (*depois dum momento*) — Ainda não acredito! Fran-

camente pelo estranho modo como se fez anunciar, devia logo ter adivinhado que era o senhor. Contudo, como o não via há tantos ânos, como o julgava em Paris...

Cesário — Com efeito; justamente ha (*puxando pelo relógio*) quarenta e sete horas e cinco minutos, ainda me encontrava nessa cidade. Trinta e seis de *sud-express*, oito de sono num hotel lisboeta... e eis-me aqui!... Simples e real.

Raquel — Simples e sobrenatural... Mas porque perguntou por mim e não pelo meu cunhado?

Cesário — Gosto mais de pronunciar um nome de mulher do que um de homem... Sobretudo quando esse nome é o seu...

Raquel — Sempre o mesmo Cesário! (*pequena pausa*) O que não posso é consentir que o Afonso fique privado por mais tempo de tão agradável surpresa. Vou chama-lo.

(*Sae para ir chamar o Doutor*)

SCENA V

Os mesmos — Afonso

Raquel (*entrando adiante de Afonso e apontando lhe Cesário que se assentou em uma poltrona*) — A surpresa... é só aquilo...

Afonso (*numa grande admiração*) — Ah!... Tu!?...

Cesário (*que se levantou, serenamente*) — Eu.

Afonso (*abraçando-o efusivamente*) — Meu amigo... meu querido amigo... (*depois dos abraços*) Conta-me, dize-me depressa o que significa esta chegada inesperada depois de tão longa ausência!

Cesário — Coisa nenhuma. Isto é: saudades da pátria.

Raquel (*sorrindo*) — Ignorava que o Cesário fosse patriota...

Cesário — Perdão. Eu com dizer saudades da pátria, quero apenas referir-me às saudades dos que nela vivem... de vocês... de vocês somente.

Afonso — Não sei como te agradecer... O facto é que a tua vinda nos causa uma grande alegria; tanto mais que já perdêramos a esperança de te tornar a ver neste mundo...

Cesário — Porquê?

Raquel — Se lhe parece... Oito cartas durante dôze anos...

Afonso — E ha três para cá, coisa alguma... Escrevi-te e tornei-te a escrever. Tu, nada!... Com franqueza julguei-te desaparecido...

Cesário — Têm razão. Mas perdõem-me, meus amigos. Eu não sou escritor... sou apenas pintor... Demais, foi justamente por reconhecer o péssimo do meu procedimento que, em vez de apresentar as minhas desculpas numa carta arrebicada, vim eu proprio... Até lucraram com o meu silencio...

Afonso — Nada temos a retorquir... Este Cesário faz calar a bôca a todos!

Raquel — Almoça cá, janta cá...

Cesário — Decerto... se o jantar não fôr muito tarde. O ultimo comboio é ás nove e cincoenta.

Afonso — O comboio ? A que propósito vem o comboio ?

Cesário — Então hei de ir para Lisboa a pé ? São quatro léguas...

Afonso — Mas quem te fala em Lisboa ? Tu ficas em nossa casa ; serás nosso hóspede durante todo o tempo que estiveres em Portugal. (*vendo que Cesário não diz nada*) Cálas-te ? Quem cala, consente...

Cesário — Não, não me calo e, antes de mais nada, quero fazer-te notar a imprudencia do teu oferecimento : Dizes que se-rei teu hóspede enquanto me demorar neste país. Muito bem: ora supõe que eu estava disposto a morrer aqui ? Que espiga !...

Afonso — Deixa-te de gracejos. E' escusado dizer que acei-tas...

Cesário — Não...

Raquel — Cesário, imploro-lhe eu...

Cesário — Não... não tenho motivos para recusar. Aceito.

Raquel — Ah !

Afonso — E's incorrigivel !

Raquel — Vou dar as ordens para a sua instalação. (*Diri-ge-se para uma porta. Retrocedendo*) Que cabeça a minha ! Está certamente com apetite, e o almoço é só á uma hora... Uma cha-vena de chá ?

Cesário — Sou muito generoso... Aceito tambem de bom gráo... Mesmo porque o meu estômago nunca recusa receber ninguem. E' muito delicado

(*Raquel carrega num botão elétrico. O creado aparece. Raquel dá-lhe uma ordem em voz baixa. O creado sae*)

Afonso — Pois meu amigo ; noticias tuas, tive-as quasi só-mente pelos jornaes. Dôze ânos de ausencia, dôze ânos de triun-fos ; dois grandes-prêmios do «Salon»... O pintor da moda, emfim.

Cesário — Tenho tido sorte, não ha dúvida.

Afonso — Dize antes : tens muito talento.

Cesário — Essa coisa de talento, sabes ineu velho, cada um interpreta-a a seu modo. Ter talento é para alguns ter...

Raquel (*vendo entrar o creado com o chá*) — O chá...

Cesário — Exactamente ! Nesta ocasião, ter talento, é dei-xar-me de filosofias e ir ao chá... Vamos ao chá.

Raquel (*que deitou chá na chicara, preparando-se para dei-tar assucar*) — Quantas pedras ?

Cesário — Todas as que poderem ser dissolvidas.

Afonso — O quê ? Tu dantes, se bem me recordo, bebias o chá sem assucar...

Cesário — Meu caro, envelheci ; sou um velho. A velhice é uma segunda infancia. Sou pois infante... e todas as creanças são gulosas...

Afonso — Velho ? Pelos ânos não...

Cesário — Os ânos são o menos. Paris, meu amigo, o absinto, as ceias...

Afonso — Etc... Boémio crapuloso!

Raquel (*que durante as frases anteriores tem estado sempre a deitar assucar no chá*) — Deitei cinco.

Cesário (*acercando-se da mesa, recebendo a chávena e provando*) — Está nas condições. E' optimo este chá! (*pausa emquanto vae bebendo o chá e trincando um biscoito*) Mas é verdade? A Maria, o Ricardo? Ainda não me felaram nêles! Mãe perversa! Pae perverso!... Ambos de saúde? Crescidos? Ela, mulher; êle, homem?...

Raquel -- Já os vae ver. (*subindo*) Devem estar no jardim. (*á porta do fundo, olhando pela esquerda*) Estão conversando no terraço... (*atravessando o jardim, chamando*) Maria! Ricardo!...

Cesário — Não me reconhecerão seguramente.

Afonso — Nem admira... ha tanto tempo ...

SCENA VI

Os mesmos — Maria — Ricardo

Raquel (*entrando com Maria e Ricardo*) — Ei-los.

Cesário (*comovido pelas recordações*) — Ah! O Ricardo...
A Maria...

Afonso — Vocês não sabem quem é este senhor?

Ricardo — Se ainda ninguém nos disse...

Cesário — Não me conhecem... Os ânos... os ânos... É certo que se eu os encontrasse na rua também não os conheceria... Não me conhecem? Pois bastas vezes brinquei com vocês, pinteí bonecos para vocês... Eu sou o Cesário, meus filhos...

Maria e Ricardo — Ah! O senhor... o senhor Cesário!...

Cesário — Estou velho, não é assim? Vocês novos... Um tinha oito ânos, o outro seis... Creanças, moços... Moço, velho... (*pequena pausa*) Ah! e eu que ainda os não beijei! (*beijal-os*) Pronto!... Então não me comovi?... Ora esta! A velhice...

Maria — Mas como apareceu aqui o senhor Cesário?

Raquel — Não sei se sabem que este cavalheiro é o homem das surpresas. Estava ha muitos ânos em Paris. Já quasi nos esquecera... De repente, sem nos avisar, meteu-se no comboio: chegou ontem a Lisboa ás onze da noite, e hoje—ás onze da manhã—entrava nesta casa...

Maria — E' surpreendente! Como estou alegre... O senhor Cesário... Lembra-se quando fez o retrato da minha boneca... a oleo?...

Cesário — Se me lembro! O vestido era até azul...

Maria — Azul-marinho.

Cesário — Ainda existe o quadro?

Maria (*triste*) — Não ... O Ricardo rasgou-mo.

Cesário (*para Ricardo*) — O quê? ... Pois tu destruíste uma tal obra-prima? ...

Ricardo — E era ... era uma obra-prima. Di-lo por gracejo, mas esse retratinho era na verdade uma maravilhosa miniatura. ... Sim, destruí-o. Recordo-me tão bem da scena ... Foi ha oito ânos ... Tinha eu dôze ... A pedido da Maria compo-
sára um soneto em honra da sua boneca — nesse tempo era poeta. Li-lho. Estava satisfetissimo com a minha producção. Ela porem disse-me com toda a desfaçatez: «Isso é uma porcaria!» «—Porcaria é essa môna!» bradei enfurecido. Daqui uma grande disputa: ela detractando a minha musa; eu a sua ... *filha* ... Resultado; Maria rasgou a minha obra; eu — não podendo despedaçar a boneca que fora posta a salvo — fiz em mil pedaços o seu retrato que ornamentava uma das paredes do quarto da minha prima ... Uma tragédia ...

Afonso — Uma tragédia a que eu pús termo com dois puxões de orelhas ... Mas tudo isso é o passado fútil. Deixa-me falar-te, Cesário, do passado. ... «útil» e do presente.

Cesário — Estou ansioso por saber o que «são» neste mundo esta linda menina e este sedutor menino.

Afonso — Ricardo frequenta o segundo âno da Médica. Escolheu a profissão de seu pae ... Um optimo estudante. Sempre aprovações ... Posso dizer-lhe na frente. E' a verdade.

Cesário — E a verdade diz-se sempre.

Afonso — Maria, essa tambem estuda ... estuda para dona de casa ... Magnifica aluna de sua mãe ... Mas a grande novidade ainda te não foi dada. A mãe da noiva que fale!

Cesário — Ah! a noiva. . . (*para Maria que corou e fez um movimento de saida*) Faz favor de não fugir, senhora noiva! ... E êle, quem é êle? ...

Raquel—Ele? ... (*apontando o Doutor*) O pae que fale ...

Cesário — Ricardo?

Afonso — São primos ... e primos ...

Raquel — Foram creados um para o outro; um com o outro, depois da catastrophe das nossas vidas. Eu e meu cunhado soubemos com prazer que os nossos filhos se amavam. O casamento realizar-se-ha nos fins do proximo mês ...

Cesário — E' encantador! (*olhando para Maria e Ricardo que estão juntos um do outro*) Que lindo pár! ... Ah! mal se entra nesta casa, respira-se logo o ar da felicidade. Percebo: Vem dos noivos.

Afonso — De todos, meu velho. A infelicidade que tanto nos perseguiu, cansou finalmente. Podemos dizer: somos todos felizes.

Raquel — Todos.

(*Com certa extranheza, nota Raquel que uma subita nuvem de amargura obscurece a fronte de Ricardo. Essa nuvem porem, em breve se dissipa*).

Cesário (*depois dum pequeno silencio*) — Marotos! Casam-

se então brevemente!... Patifes! Só eu hei de ficar solteiro até à eternidade... Que triste sorte a minha!...

Afonso — Mas porque não arranjias noiva?

Cesário — Não tenho geito.

Afonso — Se queres, procuro te uma.

Maria — Eu ajudo-o, tio... E o Ricardo também ; (*para seu primo*) não é verdade?

Ricardo — Certamente.

Cesário — Agradecidissimo. Desculpem, mas não aceito.

Raquel (*depois de pausa*) — Sabe, no que estamos hesitantes é na escolha dos padrinhos. Temos tão poucos conhecimentos... Vivemos tão retirados...

Cesário — Ele ha tanto padrinho...

Afonso — Um pelo menos: tu.

Cesário — Eu? Seja... Junto de mim afillhados! (*Maria e Ricardo aproximam-se dêle*) Isto é dito e feito como nas mágicas: «Varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, um padrinho!» Pronto!... Toque de tam tam, alçapão aberto... e eis o padrinho!

Raquel — Que não veio do inferno..

Maria — Que veio do ceu.

Cesário — Perdão! De Paris. F' mais longe. (*depois duma pequena pausa*) Ah! já me esquecia... Um padrinho tem deveres... Deveres tenho portanto... Vou cumpri-los.

Afonso — Tens muito tempo.

Cesário — Pouquissimo. Os meus deveres são moraes e... fisicos...

Raquel — Fisicos?...

Cesário (*continuando*) — Os deveres moraes são os conselhos; dispensam-me, sim? Os paes que me substituam. Aqueles a que chamo *fisicos*, são a presença do meu corpo na igreja e os presentes...

Afonso — Cesário, peço-te...

Cesário — Os presentes são uma coisa muito importante. Tenho que pensar maduramente no caso.

Raquel — Deixe isso para a noite que é boa conselheira. E agora...

Cesário (*atalhando*) — Já pensei. (*para Maria e Ricardo*) Brindar-vos-hei, queridos afillhados, como padrinho, como artista e como o que não queria ser: como conselheiro!

Maria — Que quer dizer com isso?

Cesário — O presente do padrinho será a banalidade costumada: uma joia por exemplo. O do pintor, ha de ser o retrato da noiva... feito em segredo, á porta fechada... Se o Ricardo der licença, entende-se.

Ricardo — Concedo-lha da melhor vontade.

Cesário — Ai, como me magôas, rapaz. Se o pintor fosse moço, não anuirias de tão bom gráo.

Maria — E qual é a dádiva do conselheiro?

Cesário — Isso é o meu segredo.

Raquel — Francamente intriga-nos.

Ricardo — Até a mim que sou bem pouco curioso.

Afonso — Este Cesário... Todo mistérios... Que ratão!

Maria — Imploro-lhe; diga-me o que é... só a mim...

Cesário — A ninguém... e muito menos a ti.

Raquel — O quê? nem á mãe?

Cesário — A ninguém, repito.

Ricardo — Mas a mim...

Cesário — Os noivos teem direito de saber tudo menos os segredos dos padrinhos.

Afonso — Deixem-no. E' inutil. Ele nada dirá.

Maria — E se eu lhe pedir de joelhos?

Cesário — Fico mudo... como os santos...

Afonso — Impio!

Cesário — Ah! então falo, porque senão a minha afilhada descompõe-me... E's religiosa?

Maria — Fale.

Cesário — Falo. A matéria-prima desse presente que tanto te intriga será... o trapo!

Maria — O trapo!?

Cesário — O linho, a sêda, a lã... tudo isso é trapo! Dar-te-hei pois trapos... Agora o que êles hão de formar, é que te não digo nem que me beijes os pés!

Maria — Como é mau...

Cesário — Peor do que imaginas.

Maria — Paciencia. (*mudando de tom*) A respeito de trapos... Ha de ver o meu enxoval. Está muito adiantado... (*como quem se lembra*) Ah... o senhor como é pintor, é que vae julgar uma demanda artistica que trago com o meu primo. Estou fazendo uma linda coberta de cama de renda inglesa, a qual tenciono forrar de setim verde. Pois não é capaz de imaginar a côr que o Ricardo prefere...

Cesário — Não.

Maria — O rôxo!... Veja que disparate!

Ricardo — E' a minha côr predilecta.

Cesário — Mas impropria para tal fim. Eu tambem opto pelo verde. Senão o vosso leito ficaria transformado no andor do Senhor dos Passos. (*para Ricardo, maliciosamente*) Imagina que sacrilégio!

Maria (*triunfante, para Ricardo*) — Ouves?... ouves?...

Raquel — Deixem agora o senhor Cesário. Ele ainda nem sequer sabe onde é o seu quarto... Vou mostrar-lho. A instalação é má...

Cesário — Optima por certo.

Afonso — E' preciso mostrar-lhe igualmente o resto da casa e a propriedade, para êle se não perder.

Cesário — Ah! a inevitável visita do proprietario... *Le tour du propriétaire*, como dizem os franceses...

Afonso — Logo vi! Dôze ânos de França... Não resististe á desnacionalisação...

Cesário — Alto lá! Quanto a isso, protesto! Não me desnacionalisei! Sou assinante do *Seculo*... Li-o todas as manhãs ao almoço, durante esses dōze ânos. Já vês que...

(O resto da frase perde-se, pois Cesário — dizendo a fala acima — sae com Afonso e Raquel. Ricardo vai tambem a sair. Maria porem chama-o).

SCENA VII

Maria — Ricardo

Maria (*chamando*) — Ricardo!

Ricardo (*descendo*) — Maria...

Maria — Ricardo! que tens tu?

Ricardo — Nada... Que querias que tivesse?

Maria — Ricardo, tu ocultas-me alguma coisa...

Ricardo — Coisa nenhuma. Mas para que é este interrogatorio, minha querida?

Maria — Tu andas preocupado, triste... (*a um gesto de Ricardo*) Não o tentes negar: vejo-o, sinto-o... Não és o mesmo. Já não ris como dantes; não me dizes o que me dízias dantes... Estás mudado... muito mudado... e eu tenho o direito de saber qual é a causa dessa preocupação, dessa tristeza. Ricardo, confia-me os teus cuidados... Eu não devo ignorar nada, absolutamente nada, do que te diz respeito. Tu deves-me contar tudo! Nós somos uma só pessoa... uma só!... Tantas vezes mo repetiste... Fala! fala... ou então é-me licito duvidar do teu amor!

Ricardo -- Maria!

Maria — Sim! se não podes falar é porque não me...

Ricardo (*atalhando*) — Cala-te! Amo-te! amo-te como sempre te amei... e eu amei-te sempre muito, bem o sabes... Amei-te desde que nasceste... Amei-te como uma irmã, em creança; como uma mulher, mais tarde... Sempre te amei e sempre te amarei... eternamente; suceda o que suceder!

Maria — Suceda o que suceder? Pelo amor de Deus, Ricardo, o que ha de suceder?... Entrevês algum obstáculo ao nosso amor?

Ricardo — Enlouqueces, Maria...

Maria -- Mas porque não me contas tudo? porque não me contas tudo? Estás preocupado, o teu rosto obscurecido por uma nuvem de tristeza... e não falas... não falas...

Ricardo — Mais uma vez te juro que te enganas... ou antes, é certo, estou triste: os estudos não me dão tempo para te amar!

Maria — Tu é que te enganas se julgas convencer me com essas palavras! Os estudos... Tu nêles só encontras alegria... Ah! como me fazes sofrer com as tuas mentiras!

Ricardo — Repito-te, Maria, que...

Maria (*não o ouvindo*) — Mentas! (*docemente*) Ricardo! meu Ricardo... dize-me tudo... Que tens? Confessa-te á tua mulherzinha...

Ricardo (*num sorriso*) — Nada lhe tenho a confessar...

Maria — Não mintas mais! Pela ultima vez, Ricardo, fala! senão...

Ricardo (*depois dum momento*) — Pois bem... Sim, ando triste, preocupado... e a razão é simples: a felicidade. O nosso amor nunca conheceu obstaculos; foi sempre um regozijo para todos... e acho isto tudo tão fácil, acho-me tão demasiadamente feliz que receio...

Maria — O quê?

Ricardo — Nada. Mas tenho medo que a felicidade se canse... Eis tudo.

Maria — Tudo?

Ricardo — Tudo. (*vendo que ela está prestes a chorar*) Lágrimas? Tontinha... Porquê? Vês, as minhas palavras entristeceram-te. Por isso não queria eu falar. Já o sabia. (*Maria chora*) Então.. socega... Eu é que sou um louco com estes estupidos receios... Vamos, Maria...

Maria — Deixa-me, Ricardo, deixa-me... Fizés-te-me sofrer, mas isto passa... passa .. Eu tambem tenho medo, mas passa... Deixa-me...

Ricardo — Se assim o queres .. Tanto mais que preciso concluir uma grande lição para amanhã... Até logo... e tem juizo...

(*Ricardo sae. Maria enxuga as lagrimas. Sentem-se vozes. Maria sae tambem*)

SCENA VIII

Afonso — Cesário

Cesário (*entrando com Afonso*) — Uma propriedade encantadora... um lár feliz...

Afonso — Completamente feliz. (*Puxa pela charuteira. Tira um charuto para si e oferece outro a Cesário*) Um charuto?

Cesário — Obrigado. Conservo-me fiel ao cachimbo; e, demais, não me apetece fumar agora. (*Pausa. O Doutor acende o seu charuto*) Pois meu velho, eu não sou feliz.

Afonso — Não és feliz? Porquê?... Rico e célebre...

Cesário — Ah! Se a felicidade consistisse apenas em tão pouco...

Afonso — Nos teus casos parece-me o bastante. Não tens familia...

Cesário — Por isso mesmo é que não sou feliz. Pode haver por acaso felicidade completa sem um lár? Ah! meu caro, nunca experimentaste o que é viver isolado.. sem uma pessoa amiga... sem ninguém .. Nunca!

Afonso — Lembra-te que quando minha mulher morreu...

Cesário (*interrompendo o*) — Encontraste na familia de teu irmão um outro lár, bem sei.

Afonso — Com efeito... Ele instou comigo... Depois, o

Ricardo... quatro ânos.. Um homem a braços com uma creança dessa idade .. Terrível ..

Cesário — Terrível, sim. Teu irmão, recorde-me bem de todos os pormenores, instou contigo: primeiro por causa do teu filho .. ia encontrar em Raquel uma nova mãe; em Maria uma irmã... Encontrou-as, na verdade encontrou-as... Depois, atrás do filho, o pae: Que fazias sózinho numa casa, quando a Jêle era tão grande? Viverias independente... A proposta era sedutora. Aceitaste. Todavia...

Afonso — Todavia?...

Cesário — Eu não teria aceitado.

Afonso — Hein?

Cesário — E' como te digo: Não teria aceitado.

Afonso — E porquê?

Cesário — Porque sou talvez um original.

Afonso — Não te compreendo.

Cesário — Nem precisas compreender. Aceitaste... e fizeste bem. O futuro deu-te razão, não é verdade? (*gesto afirmativo do Doutor*) O facto é que durante a minha ausencia, a tua vida — ou antes, a da tua cunhada — passou por várias vicissitudes... a ruina de seu marido, a sua morte; não sei bem ao certo... A minha leviandade na correspondencia...

Afonso — Ah! o que se passou foi simples e vulgar: Meu irmão, como sabes, era a prototipo do grande negociante moderno...

Cesário — Sim, um verdadeiro *brasseur d'affaires*.

Afonso — Os seus capitães estavam espalhados por mil empresas. A fortuna protegera-o sempre .. Um dia tudo mudou: um golpe de Bolsa funesto, a falencia dum banqueiro... e uma fortuna totalmente perdida... Perdida a fortuna, mas não a honra. Essa ficou intacta. Com tal ruina, que uma fraude pouco complicada poderia ter evitado, o nome do meu irmão ganhou até um grande prestigio: o da honradez, tão raro nos nossos dias... Fundára-se por essa ocasião uma importantissima casa bancária no Rio de Janeiro, o «Crédito Nacional». Foi-lhe oferecido o lugar de director desse estabelecimento. Um orderado soberbo! Aceitou e partiu... A saúde abalada de Raquel, não lhe permitia a viagem. Ficou com sua filha.

Cesário — E tu?

Afonso — Eu fiquei tambem.

Cesário — Em casa do teu irmão.

Afonso — Sim.

Cesário — Ah...

Afonso — Admiras-te?

Cesário — Admiro-me.

Afonso — E as razões?

Cesário — Nenhumas.

Afonso — Eu sei porque te admiras! Com franqueza, meu amigo, julgáva-te superior a estas pequenas coisas... Lembrei-me na verdade do mundo... do mundo que tu estás representando

com o teu espanto : por isso, quando soube da partida de meu irmão, pensei em sair de sua casa. Ele porem obrigou-me a ficar; fez-me ver que então, justamente, é que a minha presença era necessaria para velar por sua mulher e pela sua filha. Insistiu; concordei e fiquei... Que nos importavam os outros ?

Cesário — Coisa nenhuma. Fizeste bem. E depois ?

Afonso — Depois ? . Depois, quando o meu irmão, com a fortuna quasi refeita, tencionava regressar a Portugal, um telegrama informou-nos da sua morte... Ah ! como Raquel sofreu... como eu sofri... recordar essas horas de amargura, custa-me tanto...

Cesário — E tambem ficaste ?

Afonso — Como estás vendo... Oh ! mas dessa vez resolvei sair. Não me importava o mundo, no emtanto... A existencia porem seria horrivel de parte a parte se nos separássemos ; por isso, apesar de tudo, ficámos vivendo da mesma maneira. Retirámo-nos da capital, cujas recordações eram só más quer para mim, quer para a minha cunhada, comprámos esta propriedade e viemos viver para aqui, preocupando-nos apenas com os nossos filhos. Não achas que procedemos bem ?

Cesário — Certamente. A felicidade antes de tudo... Não nos devemos importar com os «outros»... Ah ! mas devêmo-nos importar comnosco, com os nossos. Ora foi precisamente no que tu e Raquel não pensaram. Deviam ter pensado, parece-me...

Afonso — Aonde desejas chegar ?

Cesário — Somos amigos intimos, amigos velhos, e — o que é mais — amigos verdadeiros... Eu tenho quarenta e oito ános, tu tens menos oito do que eu... Quarenta, não é verdade ?

Afonso — E'.

Cesário — E Raquel que idade tem ?

Afonso — Trinta e sete.

Cesário — Apesar dos desgostos, não aparenta mais do que uns trinta e quatro... (*mudando bruscamente de tom*) Pois meu caro, a moderna escola de pintura. . .

Afonso (*interrompendo-o*) — Cada vez te percebo menos.. Que significa essa brusca transição ? Que pretendes insinuar ?

Cesário — Nada. A escola. . .

Afonso — Ah ! compreendo-te agora ! E' infame ! Se não fosses tu... Mas, meu amigo, os nossos corações morreram ! Eu amava minha mulher como Raquel amava o seu marido: enormemente, exclusivamente... Morreram ambos... morremos ambos para o amor... Ah ! estão mortos, bem mortos, os nossos pobres corações... Como podeste conceber tal ? E' odioso !

Cesário — Será odioso... mas um coração nunca morre ! — nunca morre... Eu sou muito franco : Vou falar com toda a franqueza : espanta-me este teu lár !

Afonso — Porquê ?

Cesário — Porque o não compreendo... E tenho razão : Só se compreende o vulgar... Ora isto não é vulgar, é quasi inverosimil.

Afonso — Inverosímil ! ?

Cesário — Pelo menos outros que não fossem vocês, teriam procedido de maneira diversa.

Afonso — Sim, por causa desse «mundo» de que tu ainda ha pouco desdenhavas. Ter-se-hiam importado com êle e seriam infelizes.

Cesário — Ou tê-lo-hiam consolidado...

Afonso — Foi o que fizemos.

Cesário (*continuando, sem o ouvir*) ... pelo casamento. Ti-nham todo o direito.

Afonso — Quer dizer, achas irregular a nossa situação. Os outros podem caluniar-nos. Ah ! as calúnias...

Cesário — Meu amigo, eu não me importo com calúnias. e — repito — não quero saber daquilo a que tu chamas o *mundo* para coisa alguma. Importo-me apenas com as almas, com os corações... Emfim, constato — sem nenhuma suspeita odiosa me ter atravessado o espirito — que tu e Raquel vivem felizes, satisfeitos consigo próprios... mas não entendo, não entendo, e não entendo uma tal existência !

Afonso — Tem tão pouco que entender

Cesário — Não a entendo eu. O amor começa na amizade. Não percebo por isso como duas creaturas — um homem e uma mulher — novas e livres, podem viver continuamente uma ac lado da outra sem que, como complemento dessa amizade, não sobrevenha o amor. Eu para me precaver, teria procedido doutra forma, com mais prudencia. Eis tudo.

Afonso — Já te disse porem. Os nossos corações morreram completamente ; nêles só ha cinzas... Ah ! como se vê bem que viveste sempre só... como se vê bem... Não conheces da vida senão a sua face negra, miseravel... Lastimo-te, crê.

Cesário — E' possível que tenhes razão. Contudo, ou eu me engano muito — e oxalá que me engane — ou ainda chegará o momento em que tu reconhecerás a verdade das minhas asserções. Amor... Amizade...

Afonso — Queres-te meter a psicólogo... Para isso um artista é muito pouco competente

Cesário — Enganas-te. Ao contrario, o artista... (*mudando bruscamente de tom*) Ah ! mas que quer dizer isto ? Estou aqui ha que tempos a discutir contigo uma tése profunda, um problema moral... eu, o Cesário... O Cesário Gil ! Ora adeus !... (*rindo*) Ah !... Ah !...

Afonso — Reconheces finalmente o teu erro ?

Cesário — Reconheço a minha *madureza*... Ainda não esqueci o calão nacional, bem vês ; e sou tambem mestre no *argot* dos *apaches*. Queres umas liçõezinhas ?

Afonso — Dispensio, embora to agradeça como se tivesse aceitado. Ah ! meu Cesário, has de ser sempre o mesmo... o mesmo Cesário com quem se não pode falar a sério quatro minutos seguidos, que brinca sempre !

Cesário — E' certo. Os ânos apenas me envelhecera a carcassa.

Afonso — No entanto, esse teu feitio alegre e despreocudo, a tua vida de boémio incorregivel, não obstaram a que te tornasses num pintor da moda. Tu, um estrangeiro, és o artista preferido pelas parisienses. O «pintor das mulheres» por excellencia !

Cesário — E dos homens tambem... A minha ultima obra é um retrato de Fallières.

Afonso — Os meus parabens ! As rainhas da beleza e o chefe-de-estado...

SCENA IX

Os mesmos — Raquel

Raquel (*entrando*) — Perdõem se os interrompo... E' que se aproxima a hora do almoço...

Cesário — Já ? (*vendo o relógio*) Mas pouco passa do meio dia. Ouvi ainda agora falar na uma hora ..

Raquel — Mandeí adiantar o relógio por causa do seu estômago.

Cesário — O meu estômago agradece penhoradissimo e regozijado.

Afonso — Comilão !

Cesário — Com muita honra ! (*tirando o cachimbo*) E agora vamos ao aperitivo. Preciso fumar antes de cada refeição... E' um velho hábito.

Afonso — Deves abandonar o cachimbo, homem... Envenênas-te !

Cesário (*que acendeu o cachimbo*) — Olha quem fala ! A diferença entre o meu pobre cachimbo e os teus ricos havanos, não é grande.

Raquel (*descendo da porta do fundo onde foi espreitar*) — Sabe Afonso, fui encontrar a minha filha toda chorosa ..

Afonso — Porquê ?

Raquel — Arrufos de noivos ..

Cesário — Felizes lágrimas.

Raquel — Consolei-a da melhor forma que podia : mandei-a apanhar flores para enfeitar a mesa e, para a auxiliar, fui buscar o Ricardo que se tinha fechado no seu quarto agarrado aos livros.

Afonso (*olhando para o jardim*) — Com efeito... lá andam colhendo rosas...

Raquel — As suas zangas... (*outro tom*) E' verdade... De que falaram durante tanto tempo ?

Afonso — Porquê ? Achou demasiado longa a nossa conversação ?

Raquel — Até a achei curta. Mas como sou mulher, sou curiosa. Por isso...

Cesário — Deseja saber o que dissemos. E' justo.

Afonso — Falámos de pintura. O Cesário fez o retrato do Presidente da Republica. Uma obra-prima...

Cesário — E eu, antes da pintura, pôs-me a discutir como um velho caturra.

Raquel — A discutir sobre quê?

Afonso — Estivemos trocando impressões ácerca das nossas respectivas vidas... Ele falou-me da sua, eu da minha... ou antes, da nossa...

Raquel — ... Que achou talvez um pouco estranha?

Cesário — Absolutamente nada. Apenas me admirou o vosso scepticismo .. a vossa confiança...

Raquel — Em quê? .. (*compreendendo, sorrindo*) Ah! compreendo-o!... Ah! meu amigo, nós somos já velhos...

Cesário — Velha? Nova e linda como a sua filha. .

Raquel — Mas sem esperanças... sem desejos... com o coração tão frio .. tão morto..

Cesário — Os corações não morrem! A alma é infinita! —

Raquel (*continuando*) — Nunca mesmo me dei ao trabalho de pensar em tal. Acho tudo isto perfeitamente lógico... E mesmo que o não fosse... E' tamanha a nossa amizade!

Afonso (*sorrindo, batendo no ombro de Cesário*) — Estás malhando em ferro frio, meu velho.

Cesário — Amizade... amor...

Afonso — Um interessante tẽma, não ha dúvida

Raquel (*com vivacidade*) — Oh! interessantissimo...

Cesário (*pensativo*) — Sim... (*num gesto*) Um homem pode amar uma mulher com amizade ou com amor?.. Onde pára a amizade? onde começa o amor?... Que distancia haverá entre esses sentimentos?

Afonso — Sepára-os um abismo insuperavel!

Raquel — Um abismo?... Talvez...

(*Desce impressionada e vae sentar-se á bõca da scena, pensativa. Cesário fica-se num vago sorriso, fumando o seu cachimbo pausadamente. Olha num movimento maquinal para o jardim, onde Ricardo e Maria apanham flores. Então faz um gesto ao Doutor que, despreocupado, se acercou duma mesa folheando uma illustração. Este aproxima-se. Ceário aponta-lhe pela porta do jardim*).

Afonso (*olhando para o jardim, sorrindo*) — Reubou-lhe um beijo...

Cesário (*num grande gesto lirico e sublinhando a frase*) — Foram creados juntos, como dois irmãos... Ah! mas não são irmãos, meu caro, não são irmãos... são noivos!...

ACTO SEGUNDO

*O mesmo scenário do primeiro acto. A acção decorre
dezoito dias depois do acto antecedente*

SCENA I

Maria — Cesário

Maria (*chamando Cesário que passa no jardim*) — O' senhor Cesário... senhor Cesário! Venha cá... não fuja...

Cesário (*entrando*) — Seria o mais cruel dos tirânos se fugisse de tão gentil e adorável fadazinha...

Maria — Cada vez mais incorregível.

Cesário — E tu, Maria, mais encantadora.

Maria (*depois duma pequena pausa*) — Um adulator... um adulator terrível é que o senhor é. Sim, terrível! Se ao menos fosse sincero...

Cesário — Não faças de mim tal juízo!

Maria — Em cada quarto de hora... trinta galanteios!...

Cesário — Dois por minuto? Não é muito.

Maria — O quê, ainda acha pouco? Se lhe parece, redobre os!

Cesário — E' musica que faz vibrar todas as mulheres bonitas.

Maria (*ameaçando-o com um gesto*) — O senhor vae-se tornando insuportável!

Cesário — Desagráda-te a minha linguagem?

Maria — Se soubesse...

Cesário — Muito bem. Estou prevenido. De hoje em diante mostrar-me-hei carrancudo como um dia de inverno.

Maria — Isso tambem não... Descambava no trágico. O senhor já não é dos mais bonitos. . . (*ri-se*)

Cesário — Garôta!

Maria — Ora ainda bem! Assim é que eu gosto que me trate: «garôta»... E é verdade. . . Quando estou junto do senhor Cesário, sinto-me sempre infinitamente alegre... capaz de todas as diabruras. . .

Cesário — E' que eu já estou na segunda infancia... Somos duas creanças, minha pequena.

Maria (*depois de breve pausa*) — Com que então fica combinado : abolidos os galanteios !

Cesário — Para sempre.

Maria (*duvidosa*) — Veremos.

Cesário — Pódes-me exprimentar á vontade.

Maria — Que ficará insensível ?

Cesário — Absolutamente invulnerável.

Maria — Duvido.

Cesário — Se é preciso jurar...

Maria — Ah... não jure ! Não conhece o ditado...

Cesário (*atalhando*) — *Quem mais jura, mais mente.*

Maria — Decerto. Pode lá fiar-se uma pessoa nas juras dum ateu !

Cesário — Impenitente.

Maria — Dum ateu vergonhoso, que faz troça da linda Senhora das Dôres que tenho no meu quarto...

Cesário — Eu não me ri da tua crença, minha filha ; ri-me mas foi da imagem. E' um verdadeiro primor artistico : começa logo por a Senhora se parecer extraordinariamente com o Camões...

Maria (*com espanto*) — Porquê ! ?

Cesário — Porque tem um olho fechado e outro aberto.

Maria — Faça favor de se calar ! Essas coisas não se dizem !

Cesário — Perdôa. Nunca mais as repetirei.

Maria — E' o que se ha de ver.

Cesário — Dóra avante, acharei a imagem linda e a sua dona um horror da fealdade...

Maria — Isso mesmo... isso mesmo... (*outro tom*) Em todo o caso do senhor déve-se sempre duvidar.

Cesário — Põe-me á prova. Garanto-te que não triunfarás !

Maria — Se apostássemos, tenho a certeza que ganharia eu.

Cesário — Talvez não.

Maria — Quer exprimentar ?

Cesário — Pois exprimentemos.

Maria — Se perder, terá que cumprir tudo quanto eu lhe pedir.

Cesário — Combinado.

Maria — Muito bem. (*outro tom*) Para onde ía o senhor com tanta pressa quando o chamei ?

Cesário — Para o pavilhão que vocês pizeram ao meu dispôr.

Maria — O que tememos é que a instalação não esteja a seu gosto... (*pequena pausa*) Diga-me : Não tem saudades de Paris ?

Cesário — Nenhuma. Está-se tão bem na vossa casa.

Maria — E desde que o senhor Cesário chegou, operou-se em todos nós uma grande transformação : Dantes eramos simplesmente felizes ; agora somos alegres.

Cesário -- Não admira. Eu sirvo-lhes de bôbo...

Maria — Não diga isso. E' um amigo querido que muito estimamos e respeitamos.

Cesário — *L'enfant gâté.*

Maria — Nada de palavras francesas. Não se esqueça de que está em Portugal.

Cesário — Desculpa. E' o hábito.

Maria (*após curta pausa*) — E eu com a minha tagarelice tenho-lhe estado a roubar um tempo preciosissimo.

Cesário — Nunca acho bastante o prazer de falar contigo e de apreciar a tua garridice encantadora e a tua...

Maria (*vendo que elle se detem*) — Complete o seu pensamento : a minha beleza... a minha intelligencia...

Cesário — Exactamente.

Maria — Vê como eu tinha razão ? Perdeu a aposta.

Cesário — Olha... Não dei por isso...

Maria (*rindo*) — Ah ! Ah !... O modo ingénuo com que o senhor ainda aprovou as minhas palavras !...

Cesário — Estou á tua disposição. Pede o que quiseres.

Maria — E se eu fôr muito exigente ?

Cesário — Cumprirei a minha palavra custe o que custar.

Maria — Até se lhe pedir o sol ?

Cesário (*categorico*) — Irei busca-lo immediatamente.

Maria — Não desejo tamanha heroicidade. Depois pensarei no que ha de ser.

Cesário — A proposito : Participo te que chegará hoje de Lisboa o meu tão falado presente de conselheiro.

Maria — Que nunca foi capaz de me dizer o que era...

Cesário — Logo verás.

Maria — Mistificador !

Cesário — Serei tudo quanto quiseres, mas não me arrancarás nem uma palavra... E agora deixo-te. Vou terminar aquella aguareiazita que trago entre mãos. Uns pequeninos retoques a dar...

Maria — Já é a terceira que pinta... em pouco mais de duas semanas... E' verdade : E quando principia o meu retrato ?

Cesário — Talvez amanhã ou depois... (*para Ricardo que aparece a uma das portas trajando de cavaleiro — calção, polainas, esporas, etc.*) Ah ! ainda bem que chegas, Ricardo... Se isto continuasse ficava aqui toda a vida... (*numa reverencia*) Até logo, meus amores.

Maria e Ricardo — Até logo.

(*Cesário sae*)

SCENA II

Maria — Ricardo

Maria — Que dia tão lindo.

Ricardo (*constrangido durante toda esta scena*) — Dei um belo passeio.

Maria — Em que cavalo foste ?

Ricardo — No alazão.

Maria — Já está bom ?

Ricardo — Já.

Maria — Se me tivesses dito tinha ido contigo.

Ricardo (*que se sentou, levanta-se agora embarçado*) — Como estava muito calor... Podia fazer-te mal.

Maria (*descendo, com um acento um pouco frio*) — Fizeste bem

Ricardo (*depois dum momento*) — Sabes onde está o meu pae ?

Maria (*de costas para ele*) — A dirigir uns trabalhos de jardineiro, no mirante

Ricardo — Obrigado. (*depois duma pausa*) Dás-me licença ? Vou ao meu quarto mudar de fato.

Maria (*num murmúrio*) — Pois não.

(*Ricardo sae. Maria dirige-se para o piano. Começa a tocar mas interrompe-se dominada por uma convulsão de choro. Raquel, que ia a passar pelo jardim, desce impressionada*)

SCENA III

Raquel — Maria

Raquel (*entrando*) — O que é isso, Maria ? Porque choras ?

Maria (*soluçando*) — Ah ! mamã, se soubesse... se soubesse... Sou tão infeliz... tão desgraçada !...

Raquel — Ora vamos, minha filha, infeliz... desgraçada... Sabes lá o que isso quer dizer !...

Maria — Se sei, mamã, se sei..

Raquel — Loucuras ! Pode-se acaso avaliar o que são desgostos na tua idade ! (*vendo que Maria continua a soluçar*) Então, socega, Maria... Aposto que te zangaste com o teu primo ?

Maria — E' que êle já não gosta de mim, mãezinha ! Ah ! eu sinto-me morrer com semelhante ideia !...

Raquel — Que tonteira a tua ! Calúnias o pobre rapaz... Ele não pensa senão em ti !

Maria — Vae longe o tempo em que isso acontecia. Agora já não é o mesmo. Foge assim que me aproximo... parece constrangido quando me fala. Ao principio attribui esta frieza á sua preocupação pelos estudos. Mas continuei depois a vê-lo indifferente... sem uma palavra... sempre contrafeito... Se visse ha pouco o modo com que me falou... Não se sentia á vontade... falava com esforço... como que a medo... (*pequena pausa*) Eis porque choro : porque pressinto o desenlace do nosso amor... desfeito todo o meu sonho de rapariga... Vou perdê-lo, mamã, vou perdê-lo... (*outro tom ; por entre as lágrimas*) Vê como tenho razão em chorar ? Vê que não sou uma creança ?... Que sou infeliz a valer... muito... muito infeliz ?...

Raquel—Louquinha... A razão sou eu que a tenho. Tanta lágrima por coisa nenhuma... O Ricardo cada vez gosta mais de ti. Tu é que não sabes o que é a vida. E' preciso habituares-te a esses pequenos dissabores que, com a tua inexperiencia, tomas logo por desgostos profundos. Querias que o teu primo estivesse continuamente aos teus pés, a idolatrar-te? Isso seria impossível. Se o Ricardo se mostra um pouco mais frio, não julgues que é devido a um decrescimento no seu amor. Apenas qualquer preocupação momentanea, absolutamente natural na sua vida de rapaz... Nem sempre andamos bem dispostos. Crê que te falo com toda a sinceridade...

Maria — Como a mamã é boa... E'-me impossível adora-la mais...

Raquel (*beijando-a*) — Querida filha...

Maria — Realmente sou uma louca em ter semelhantes pensamentos. A mamã afinal é que deve ter razão.

Raquel — Estava certa de que acabarias por concordar comigo. (*pausa; outro tom*) Quando fores esposa de Ricardo, verás que a vida de casados é uma vida de compensações. Marido e mulher devem ser o mais delicados possível um para com o outro. Uma nuvem que possa por instantes obscurecer o rosto dum, não deve ser julgada pelo outro com lágrimas, que causam sempre aborrecimento, mas sim com pequenas atenções — tentando o necessário, muito suavemente, para que ela desapareça. Eis o que é a vida dum casal bem compreendida de parte a parte. E tu que te preparas para ser dentro em pouco uma pequenina senhora — deves ir com o teu espirito desanuviado, com a compreensão nítida dos teus deveres, para que possas consolidar eficazmente a tua felicidade conjugal e o porvir dos teus filhos.

Maria (*depois dum pequeno silencio*) — Sabe, mamã, as suas palavras fizeram-me um bem que não calcula. Sinto-me outra... inteiramente outra...

Raquel (*beijando-a*) — A tua mãezinha não pensa senão na tua felicidade.

Maria (*depois dum longo suspiro de alivio*) — E agora vou-me. Quero vêr se acabo ainda hoje com o *couvre-pieds* que ando a arranjar para o senhor Cesário. (*)

Raquel — Fazes muito bem. Cesário merece todas as nossas atenções. E' um bom amigo, um verdadeiro amigo.

(*Maria sae. Raquel fica-se com um vago sorriso nos labios. Vae carregar no botão elétrico mas, encolhendo os ombros, muda de ideia. Sobe á porta do fundo e tem um suspiro de satisfação ante o sol que inunda o jardim. Retrocede para sair por uma porta lateral quando Afonso aparece.*)

(*) Se não houver piano em scena o que aliás é prescindível, esta réplica será substituída pela seguinte:

MARIA — E agora vou-me. Quero vêr se acabo de aprender a *Aria das Joias* que estou estudando em segredo para cantar ao sr. Cesário. Ele diz que é o trecho do *Fausto* de que mais gosta.

Neste caso o *jogo de scena do final da scena 2.ª*, será assim: «Maria depois de ter seguido Ricardo com o olhar, cae soluçando sobre uma cadeira.»

SCENA IV

Afonso — Raquel

Afonso (*vindo do jardim, entra com um grande braçado de rosas. Está sem casaco e sem gravata; a camisa de oxford com as mangas arregaçadas e desabotoada no colarinho. Na cabeça um grande chapéu de palha*) — Ora veja, Raquel, que magnificas rosas!

Raquel (*examinando-as*) — Ah! Como são lindas!

Afonso (*coloca o braçado sobre o bufê. Enquanto vai dispondo as flores em algumas jarras que foi buscar a qualquer móvel*) — O jardineiro trata-as esplendidamente... Temos estado no mirante a armar um caramanchão para cobrir com rosas de toucar. Depois, como fica proximo da cosinha — é apenas subir alguns degraus — almoçaremos lá nas manhãs de calor.

Raquel — O seu bom gosto, Afonso. . Não pensa senão em transformar esta quinta num verdadeiro paraíso.

Afonso — Temos noivos em casa, Raquel. E' necessario engalanarmos a sua ventura com as mais soberbas rosas do nosso jardim (*pegando em uma*) Ora repare nesta... Que perfume... que coloração!

Raquel — E' admiravel.

Afonso — Irá muito bem com o tom do seu vestido.

Raquel — Ah! Eu já estou uma velha ridícula para me enflorar...

Afonso (*colocando-lhe a rosa*) — No emtanto tão bela como esta rosa.

Raquel — Uma rosa desfolhada... (*quando Afonso lhe acaba de colocar a rosa*) Porém, é linda a rosa e muito gentil o seu galanteio.

Afonso (*sorrindo*) — O galanteio dum velho, mas a expressão sincera duma mais velha e inalteravel amizade.

Raquel — Muito obrigada.

Afonso (*dispondo as jarras com elegancia sobre um móvel*) — Estas duas jarras aqui ficam bem, não acha?

Raquel — Perfeitamente.

Afonso (*calculando o efeito*) — Assim...

Raquel (*pegando numa jarra*) — E esta ao meio do bufê.

Afonso (*tendo acabado de dispôr as jarras*) — E' verdade... Como me tinha dito, lá mandei o chauffeur saber da Baronesa. Diz que vai melhor e que até é provavel que venha cá hoje um pouco á noite. (*pausa; outro tom*) Uf... estou a escorrer em suor...

Raquel — Talvez não seja muito prudente estar assim. Aqui ha muitas correntes de ar.

Afonso — Se fizesse o favor de me ir buscar o meu casaco e uma gravata...

Raquel — Qual?

Afonso — Qualquer... A rôxa, por exemplo.

(*Raquel sae*).

Raquel (*entrando logo a seguir com um casaco escuro e uma gravata carmezim*) — Trouxe esta porque achei que ia melhor com a sua camisa do que a rôxa. (*a um gesto de Afonso*) Eu mesmo lha ponho. (*dando o nó*) Como é carmezim, combina-se lindamente com estas riscas côr-de-rosa.

Afonso — Agradeço muito o seu cuidado e o seu bom gosto. Eu é que não percebo nada destas coisas.

Raquel (*acabando de lhe vestir o casaco e indo buscar uma rosa branca*) — Agora, se me permite, colocar-lhe-hei na lapela esta magnifica rosa branca.

Afonso (*sorrindo*) — Mal empregada fiôr no peito dum velho.

Raquel — Um velho? Conheço tantos rapazes mais velhos do que o Afonso...

Afonso — Um galanteio com outro galanteio...

Raquel (*sorrindo ao repetir as palavras de seu cunhado*) — «Mas a expressão sincera duma mais velha é inalteravel amizade».

Afonso — Portanto estamos quites?

Raquel — Estamos quites.

Afonso (*depois dum pequeno silencio*) — Sabe? Ando a planear uma construção na ala esquerda do edificio: prolonga-la. Ficarão aí os aposentos dos nossos filhos, inteiramente independentes dos nossos.

Raquel — A casa é já tão grande...

Afonso — Mas não tem os cômodos necessários para um casal de jovens noivos. Precisam duma sala só para elles... dum gabinete de trabalho... dum quarto grande cheio de ar e de luz. São imprescindiveis estes aposentos... por conseguinte contíguos uns aos outros. E aqui não podia ser; tinham de ficar dispersos...

Raquel — Tem razão.

Afonso — Continuaremos, portanto, a viver todos juntos e ao mesmo tempo livres nas nossas acções.

Raquel — Nunca me poderia separar de minha filha.

Afonso — Nem eu do Ricardo.

Raquel — Vivemos só para elles.

Afonso (*muito alegre, depois dum pequeno silencio*) — Se visse, Raquel, as sêdas que mandei vir de Paris... Eu não lhe queria dizer nada, mas agora será minha cúmplice... Umas sêdas lindas para o enxoval da Maria...

Raquel — Que despesas loucas! Torna-me a pequena vaidosa...

Afonso — Não. Eu bem sei o que faço. Ela é tão ajuizada, apesar dos seus poucos âns, como a sua mãe. Foi justamente assim que eu a sonhei e a quero... Uma pequenina fada envolta em rendas, em veludos e em pedrarias... Também já estou pensando numa mobília para o seu quarto, toda a branca e a oïo.

Raquel — As paredes forradas de sêda azul...

Afonso — Um docél de grandes prégas...

Raquel — Meu amigo, mas que enorme dispendio com tantas sumptuosidades!

Afonso — Ah! é assim que eu gosto das coisas: que se façam como devem ser feitas!

Raquel — Tantos projectos...

Afonso — Somos dois velhos babosos que só pensam nos seus filhos... na sua felicidade, no seu lár... E tudo isto me dá tanta alegria... anima-me... Sinto-me rejuvenescer com estes preparativos, com tudo isto de construir o ninho onde êles irão albergar o seu amor.

Raquel (*num enternecimento*) — Depois nós, já muito velhinhos, os netos a marinharem-nos pelos joelhos...

Afonso — Êles caminhando pela senda da vida, em pleno arrebol; nós já no ocaso... as nossas cabeças embranquecidas pendendo para o tûmulo...

Raquel — Meu Deus... Que pensamentos tão lûgubres!

Afonso — E êles amam-se tanto... A amizade de creanças transformou-se nêles em amor... Nascidos um para o outro... creados um com o outro...

Raquel — Amam-se muito? Talvez até demais...

Afonso (*surpreso*) — Não compreendo.

Raquel — É que nem em todos os casos um grande amor constitue o eterno sustentáculo duma eterna ventura. O essencial é que as almas se liguem perfeitamente... Ora eu temo um pouco pela Maria. E' uma sensitiva... uma louquinha... sempre cheia de receios pueris... Herdou o temperamento tenaz de seu pae e os nervos de sua mãe... da sua mãe quando tinha vinte ânos... Ela ama demasiadamente.

Afonso — O amor nunca é demasiado.

Raquel — A's vezes, e ainda agora tive a prova. Maria, ha uns tempos para cá, reconhece que o seu primo já não tem para com ela as suas atenções habituaes... que já não é o mesmo...

Afonso (*encolhendo os ombros*) — Creancices...

Raquel — Antes de minha filha, já eu tinha notado isso. Em varias occasiões tenho ido surpreender o Ricardo com o rosto contorcido numa crispação de angústia. Nunca quis dizer nada. Ainda agora, porém, encontrei aqui a Maria a chorar. Interroguei-a: Lançou-se nos meus braços, gritando que o Ricardo a evita... que lhe fuge... Se visse como toda ela tremia ao descrever-me a sua dôr... receas pela perda da sua felicidade... Fiz-lhe vêr que os seus receios não tinham fundamento, que a frieza de Ricardo era apenas devida a qualquer preocupação momentanea e que por isso nada influiria nos seus sentimentos. As minhas palavras, aliás sinceras, deixaram-na convencida. No emtanto têmô... não pela parte do Ricardo. Não é dêle que vem o perigo, é dela.

Afonso — O seu amor de mãe exagera.

Raquel — Asseguro-lhe: Conheço-a muito bem. Maria é uma singular creatura. A sua psicologia de mulher desenvolveu-se prematuramente. No fundo conserva-se ainda uma creança.

Afonso — Uma deliciosa senhora é que ela ha de ser!

Raquel — Mas ainda não compreendeu o seu papel.

Afonso — O nosso, esse é de tão dôce, de tão nitida interpretação: Vigiar a ventura dos nossos filhos e assegurar-lhes o porvir!

Raquel — Sempre com cuidados... sempre os mesmos cuidados ..

Afonso (*sorrindo com ternura*) — Quando tivermos nêtinhos, Raquel...

Raquel (*idem*) — Quando tivermos nêtinhos, Afonso...

Os dois — Quando formos avós...

Afonso (*depois duma longa pausa*) — E' a si, minha amiga, que devo a felicidade de toda a minha vida! (*Dizendo esta frase, Afonso pega nas mãos de Raquel. Ricardo entra, mas detem-se ao ver a attitude de seu pae e de sua tia. Vae a sair. Afonso chama-o*) O' Ricardo, anda cá, não fujas... (*Ricardo retrocede constrangido*)

Raquel — Bem, eu deixo-os... tenho umas ordens a dar. (*muito risonha, ao passar junto de Ricardo*) Com que então o menino dá se ao direito de se mostrar carrancudo? Cuidadinho, hein, porque senão hei de lhe ralhar muito .. muito... (*sae*)

SCENA V

Afonso — Ricardo

Afonso — Aquela tua tia... Sempre alegre como se tivesse dezoito ânos... Decerto compreendeste o que ela te pretendeu insinuar?

Ricardo — Nem por sombras...

Afonso — Parece que a Maria lhe fez algumas queixas a teu respeito: que a evitas... que só a custo te consegue arrancar uma palavra... Em conclusão: que já não és o mesmo. Coitada da pequena! Fartou-se de chorar ao contar isto a sua mãe... (*vendo que seu filho não responde*) E eu concordo com ella... Dois primos que sempre se adoraram... na vossa idade... demais a mais noivos... Coisa alguma explica o teu procedimento. (*Ricardo continua calado*) Porque não confias em teu pae? (*num gesto de aborrecimento, faz cair um livro ao chão enervado pelo mutismo do filho a quem não consegue arrancar uma palavra*) Que demonio! diz alguma coisa!

Ricardo (*em tom concentrado*) — Que lhe hei de eu dizer?

Afonso (*continuando enfadado*) — Que sim... que não... Qualquer coisa! E's uma creatura impossivel... Fazes chorar a tua prima com essa apparencia de soffredor... com esse teu ár sinistro de heroe romantico... Exorto-te no tom mais plácido possível a que me confies o que te entristece... Tu, nada... Ficas mudo como um peixe!... (*mais enervado porque Ricardo se conserva na mesma attitude*) Ao menos inventa uma desculpa!

Ricardo — Tem razão...

Afonso — Ora até que enfim !

Ricardo (*continuando*) — O meu procedimento não tem sido justo. A culpa não é dela...

Afonso (*surpreendido*) — A culpa não é dela ? A culpa de quê ?...

Ricardo (*vivamente*) — Não faça caso. E' que estou um pouco nervoso.

Afonso — Vae ter com a Maria, pede-lhe perdão, (*sorrindo*) e o nervoso passará depressa.

Ricardo (*sombrio*) — Logo. Agora, se me permite, vou ao meu escritorio buscar um livro de que preciso.

Afonso (*friamente*) — Pois vae. (*Ricardo sae para o escritorio. Afonso faz um gesto de contrariedade ao ve-lo sair. Põe um pouco de ordem aqui e ali. Depois duma breve pausa, o rosto levemente anuviado, chama pelo filho subitamente*) Ricardo !

Ricardo (*entrando*) — Meu pae...

Afonso (*um pouco nervoso*) — Realmente estou-te estranhando... Porque não és franco para comigo ? Os teus modos reservados e incoerentes patenteiam qualquer pesar... A Maria queixa-se da tua indiferença... A sua propria mãe me confessou ha pouco que mais duma vez te tem ido surpreender prestes a chorar... Ora nada disto é natural...

Ricardo (*interrompendo-o vivamente*) — Asseguro-lhe que...

Afonso (*atalhando*) — Tu dantes não eras assim... Tu occultas o quer que seja, repito !

Ricardo — Mas se eu...

Afonso — Não tentes desnortear-me. Tudo seria inutil. Conheço-te muito bem, leio em ti como num livro aberto... Sempre te considerei como um rapaz inteligente, recto, e leal ; sempre te tive na conta dum filho exemplar. Dei-te por isso toda a liberdade possivel, conscio de que nunca abusarias dela, que — pelo contrario — te seria muito proveitosa a educação fraternal que de mim ias recebendo. Nunca me arrependi, nem espero arrepender-me, do meu plano educativo. No entanto, outróra, o teu espirito era um espirito perfeitamente são e bem disposto... No teu rosto pairava uma serena alegria que me encantava pela sua jovialidade... Hoje tudo isto mudou : a preocupação da tua alma, transparece claramente nesse rosto contraído, nas tuas palavras ambíguas, nas tuas singulares maneiras. De novo te repito, Ricardo : tu occultas-me alguma coisa... que pretendes dissimular... que queres occultar a todos e a todo o custo !

Ricardo — Engana-se, creia. Se não ando alegre, é unicamente devido a um nervosismo constante... que me faz mal... que me despedaça...

Afonso — Tu é que te enganas querendo-me enganar. Esse nervosismo tem uma causa moral e não física... E cada palavra tua de negação, mais vem corroborar as minhas afirmações... De volta do teu passeio, encontraste aqui a tua prima e não a trataste com a afabilidade costumada... A pobre pequena ficou

aflitissima com a ideia de que tu já não a amavas. (*Ricardo tem um gesto amargo de dôr*) Previno-te disso com toda a serenidade, aconselho-te a que vás ter com ela e lhe peças perdão... assim acabaria tudo em bem... selariam as pazès com um dôce beijo de noivos trocado entre os dois... ficariam amigos como antes... Mas tu o que é que fazes?... Ficas insensível á minha prevenção, não atendes aos meus conselhos... e pedes-me licença para ir buscar um livro... Ora tudo isto ha de ter forçosamente uma causa.

Ricardo — Magôa-me com tanta insistencia, meu pae.

Afonso — Pode ser. Mas concorda que não é para teu mal.

Ricardo — Essa causa que suspeita, aianço-lhe que não existe.

Afonso (*parando de súbito diante dêle*) — Porque não me olhas bem de frente? porque não ousas sequer levantar os olhos para mim?... Para que é que continuas a mentir? (*Ricardo aperta a cabeça entre as mãos num gesto de amargura, prestes a chorar. Afonso, surpreso, avança para êle*) Com certeza que não amas outra rapariga... Que mulher mais completa do que tua prima podias encontrar?...

Ricardo — Amar outra? Como teria sido bom se não nos amássemos...

Afonso (*com uma exclamação de triumpho*) — Ah!.. Ha portanto uma causa... um motivo... Ainda tentas nega-lo? (*Ricardo, vencido, já não tenta negar*) Até que finalmente nos compreendemos e chegámos a um acôrdo.

Ricardo — Não me pergunte nada, suplico-lhe! não me pergunte nada... Eu não lhe posso responder... Não posso, nem devo!

Afonso — Agora, mais do que nunca, é que exijo que fales!

Ricardo — Pelo amor de Deus; tenha dô de mim! Se soubesse os horrores que tenho passado... os martírios que tenho sofrido... a tentar constranger-me... a dominar-me, para que ninguém suspeite o inferno que sinto cá dentro!...

Afonso (*com brandura agora*) — Vamos... Que se passa?... Que significa esse desabafo tão violento como incompreensível?

Ricardo — Ah! nunca... nunca lho direi!...

Afonso — Um obstáculo?

Ricardo — Um abismo que me separa de Maria!

Afonso (*assombrado*) — Que dizes!?

Ricardo — A verdade: O nosso casamento é impossível.

Afonso — Enlouqueceste!...

Ricardo — Antes tivesse enlouquecido! Ter-me-hia sido poupada esta medonha tortura!

Afonso (*sacudindo-o*) — Fala!... Preciso... quero saber... saber tudo... tudo... até ao fim!...

Ricardo — Ah! imploro-lhe! E' superior ás minhas forças... Eu já não posso mais... não posso mais...

Afonso — Mas porque não falas? porque não falas!?...

Ricardo (*numa crise de desespero*) — Porque não devo... porque eu não posso... não posso .. não posso !

Afonso (*recobrando algum sangue-frio; querendo acalmar o filho*) — Vejamos, Ricardo .. Encaremos a situação com toda a serenidade... Responde á minha pergunta : terias porventura cometido alguma acção menos digna que te impedisse de .. (*numa ideia súbita*) Ah... uma amante talvez... que te domina... que te subjuga ?...

Ricardo — Não... não... Se fosse só isso .. se fosse só isso...

Afonso — O que é então ... O que é então !?... Agora sou eu que te rogo... que te suplico que fales !

Ricardo — Nunca !

Afonso (*no auge da exaltação, batendo com o punho cerrado sobre uma mesa*) — Ordeno-te ! (*depois dum instante*) Vamos...

Ricardo (*mais inergicamente*) — Nunca !

Afonso (*após uma pequena pausa, num grito terrível*) — Ah !... A Maria !?

Ricardo (*compreendendo, aterrado*) — Meu pae !... tudo menos isso !... Não lhe consentirei semelhante blasfêmia !...

Afonso (*sem o ouvir*) — A Maria... A Maria...

Ricardo (*numa enorme angustia*) — Meu pae ! meu pae!... Cale-se ! Ah ! mas cale-se... cale-se !...

Afonso — O teu silencio faz-me duvidar de tudo e de todos !

Ricardo — E' horrível... é horrível !... (*tirando subitamente uma carta da algibeira*) Só isto me obrigaria a falar !... (*estendendo a carta a Afonso*) Aqui tem .. leia...

Afonso (*Pega sofregamente na carta. Depois de a ter lido, amarfanhando-a com desespero*) — Oh !... Mas isto é uma calúnia... é a mais odiosa de todas as calúnias !... Infamês ! Infames !

Ricardo (*febrilmente, ao mesmo tempo*) — Uma tortura... uma tortura constante que me tem despedaçado sem dó nem piedade . Sempre que eu falava na minha ventura... no meu proximo casamento, notava em certas pessoas uns rizinhos irónicos... umas exclamações logo reprimidas... vagas reticencias que não sabia definir... (*com um sorriso amargo*) Houve porém almas caridosas que tiveram a audácia de me prevenir... de me explicar tudo aquilo que eu não compreendia... As cartas anónimas succederam-se...

Afonso (*por entre os dentes cerrados*) — Canalhas !...

Ricardo (*continuando*) — Queimei-as todas. Essa foi me entregue ontem.

Afonso — Mas tu sabes perfeitamente que isto é uma infâmia... uma calúnia vilíssima com que nos tentam sujar... Conheces muito bem a amizade sincera e leal que sempre me ligou a Raquel .. conheces toda a nossa vida... Tenho a certeza absoluta que nunca semelhante ideia passou pelo teu espirito... que te revoltaste contra tanta perversidade... Por isso .. (*vendo a estranha attitude de Ricardo e o seu silencio*) Ficas calado ?...

Ricardo (num gesto de cansaço) — E' que eu já não tenho forças nem para acreditar... nem para duvidar...

Afonso — Hein ? Que queres dizer ?.. Dar-se-ha o caso que tu. .

Ricardo — Eu sei lá... eu sei lá...

Afonso (de cabeça perdida) — O quê ! ?... Pois acreditas em semelhantes infâmias ?... E' impossível ! E' impossível !... Juro que te esmigalho se tens o atrevimento de...

Ricardo — Sei lá... sei lá...

Afonso (lançando-se sobre êle num impeto de desespero) — Cala-te!... Cala-te!... Cala-te !! . . (num grito louco, apertando a cabeça entre os dedos crispados) Oh ! é demais! . . é demais!

E's tu o proprio a collaborares na torpeza dessa corja que inveja a nossa felicidade... a duvidares das p. lavras de teu pae. . E's tu proprio que lanças o fél duma vilania tremenda numa amizade sagrada de irmãos !... Ah ! Vou-te castigar ! Quero que vejas a indignação da tua tia... quero que oiças da sua propria bôca o grito de revolta e de nôjo por tudo isto... por ti sobretudo !...

Ricardo (querendo deter seu pae, num grito) — Pelo amor de Deus, meu pae ! pelo amor de Deus !...

Afonso — O quê ! ? Agora já tens medo?... Falta-te a coragem para arrostar a sua colera... (Ricardo quer sair. Afonso interrompe-lhe a passagem) E' escusado... não sairás ! Quero que nos confrontes um em face do outro... Não sairás nem que eu tenha de te matar! . . (Arremeça-o para cima dum sofá. Correndo a uma porta a chamar) Raquel ! Raquel !...

SCENA VI

Os mesmos — Raquel

Raquel (entrando) — Ah ! mas que significa isto?... Que exaltação a sua, Afonso... (vendo o sobrinho no sofá) O Ricardo... Jesus ! que succedeu... que succedeu ! ?...

Afonso (numa falta de ar, desapertando o colarinho, num tom que deseja fazer parecer sereno - ligeiramente rouco) — Ainda agora quando a Raquel me falou da indiferença do Ricardo para com sua filha, e que depois nos deixou, recorda-se ?...

Raquel (assustada) — Certamente, continue...

Afonso — Interroguei-o. Pouco a pouco, apesar das suas negativas, descobri a causa dessa frieza : Um obstaculo que o separa de sua prima !...

Raquel (com grande admiração) — Um obstaculo ! ?

Afonso — Uma abominavel calúnia com que pretendem enlamear a nossa convivencia de velhos amigos...

Raquel (num grito de revolta) — Oh ! isso não pode ser !

Afonso — A sua confiança e a sua boa-fé é que não podem conceber uma tal aleivosia... Ah ! Mas desengane-se, ela existe ! Prevenções traiçoeiras... cartas anónimas a informá-lo de que

nós somos amantes... de que as nossas relações datam de ha longos ânos... de que já existiam em vida de meu irmão... Foi por isso mesmo que êle fugiu para o Brazil... foi só essa a causa da sua morte... Numa palavra: afirmam que o casamento dos nossos filhos seria um sacrilégio... um incesto talvez!

Raquel — Oh! não é possível... não é possível... Não posso crer em tamanha baixeza!...

Afonso (*num tom ligeiramente ironico*) — Não acredita?... No entanto é a coisa mais verdadeira deste mundo... Verdadeira e natural... Pois não acha muito possível que nós sejamos amantes, e mesmo que a minha sobrinha seja... minha filha?... Ambos novos e livres... sem termos que dar contas a ninguem das nossas acções... Extraordinario seria que tivessemos resistido a este viver intimo de tantos ânos, sem consolarmos a nossa viuvez nos braços um do outro... sem que eu succumbisse á aproximação continua da sua beleza... O seu espirito revolta-se... não póde aceitar uma tal idéa... Repito-lhe: é a coisa mais natural deste mundo!

Raquel — A sua imaginação exagera forçosamente!

Afonso — Julga isso? Pois bem... (*entregando-lhe a carta*) Leia... (*depois de Raquel ter lido a carta*) E agora?

Raquel (*na maior das indignações*) — Que infamial que infamia!... Mas só um miseravel poderá dar crédito a taes perfidias!

Afonso — Ah! Não conserve essa ilusão... O primeiro a acredita-las, foi o meu filho...

Raquel (*com os olhos esgaçeados pela súbita revelação*) — O Ricardo!?... (*Encosta-se a uma mesa — o peito arfando violentamente, as lagrimas correndo-lhe em fio. Afonso, extenuado, deixa-se cair sobre uma cadeira. Raquel, num esforço, encaminha-se para o sofá onde Ricardo se amarfanha, a cabeça escondida entre as almofadas. Dirigindo-se a êle, num tom repreensivo, mas meigo*) Oh! Ricardo... Ricardo... como podeste conceber semelhante pensamento? Que desvario se apoderou da tua alma para não vibrares de indignação com uma tal calúnia... para não me defenderes dos ataques desses covardes... para me acusares também!?... Foste tu o primeiro a acreditar, tu... tu... (*outro tom*) Que loucura a minha em ser tão crédula... em ter sido sempre tão crédula... Julgava os outros por mim... Que se poderia dizer da nossa vida?... Era simples... era racional... A minha consciencia estava tranquila... que importava o resto? Pensava que os outros também comprehendessem a nossa situação de amigos... de amigos unicamente... Como fiz mal... como fiz mal!... (*por entre lagrimas*) Duvidam todos... tu proprio duvidas... tu proprio me acusas!... (*as lagrimas augmentam*) Ah! Como me fazes sofrer... como me fazes sofrer!

Afonso (*que em grande agitação passeia pela casa; murmurando entre dentes, quasi sem se ouvir*) — O Cesário... o Cesário... bem dizia o Cesário!

Ricardo (*pegando nas mãos de Raquel*) — Perdôe-me, minha tia... perdôe-me... A minha injúria não tem perdão... mas perdôe-me... perdôe-me... Eu tinha enlouquecido... Só agora com as suas lágrimas me voltou a razão... Se soubesse como me arrependo... o martírio que tenho padecido... a dor atroz que me despedaça neste momento... (*numa imploração*) Minha tia... minha tia...

Raquel (*que cessou de chorar, reanimada mas com muita tristeza*) — Crê que calculo o teu sofrimento... que o compreendo e que te perdôo sem a mínima reserva, apesar do mal que me causaste... que me causas ainda... (*depois de pausa, para o cunhado*) Vamos, Afonso, o pobre rapaz não estava em si... Ambos se deixaram arrastar na violencia duma scena que urge terminar, visto que repugna a todos... Ele já reconheceu a sua culpa; portanto merece uma palavra sua de perdão... Diga-lha...

Afonso (*sempre numa grande agitação*) — Nunca lhe perdorei!

Ricardo — Meu pae...

Raquel — Para que é tão severo, Afonso? Se estivesse no seu lugar, teria procedido da mesma forma... (*acentuando a frase*) Era tudo tão natural...

Afonso (*não a ouvindo, afastando-se de Raquel que se aproxima d'ele com Ricardo*) — Nunca! Nunca! Nunca!

Raquel (*repreensiva*) — Está sendo cruel em demasia... (*para Ricardo que soluça com desespero*) Então... Ricardo...

Ricardo (*por entre lágrimas*) — É melhor deixar-me, minha tia... é melhor deixar-me... (*sae para o jardim*)

SCENA VII

Afonso — Raquel — Cesário — depois, Maria

Cesário (*entrando e batendo ligeiramente no ombro de Afonso*) — O Ricardo não é um culpado, é uma vítima.

Raquel (*num grito*) — Ouviu tudo?

Cesário (*simplesmente, num sorriso vago*) — Sei tudo. (*mudando de tom para Afonso*) E' preciso encarares as coisas como elas são, a sangue-frio. Teu filho...

Raquel (*que está junto duma porta, interrompe-o sentindo que sua filha se aproxima*) — Cuidado... A Maria...

(*Afonso, compreendendo a situação, faz um grande esforço para compôr as suas feições ainda transtornadas, embora já tenha serenado um pouco depois da chegada de Cesário*)

Maria (*entrando muito sorridente com uma grande caixa nas mãos*) — Ah... ainda bem que estão aqui... (*pousa a caixa numa mesa*) Chegou agora mesmo o presente de conselheiro do senhor Cesário. Estou morta de curiosidade...

Raquel — Até que enfim se vae desvendar o grande mistério.

Afonso — Provavelmente alguma brincadeira.

Cesário — Pelo contrario : uma coisa muito séria.

Maria (*desembaraçando a caixa do seu invólucro*) — Que será ?

(*Raquel, Afonso e Cesário acercam-se de Maria. Esta abre a caixa. Então soltam todos — menos Cesário — uma exclamação de espanto, ao verem um enxoval de recém-nascido.*)

Raquel — Um enxoval completo para recém-nascido !...

Afonso — Mas que ideia a tua !

Cesário — Meu caro, sou muito providente... penso sempre no futuro... (*outro tom*) E não podem levar a mal o meu conselho... E' do Creador : «Crescei e multiplicaes-vos!»

Maria (*ruborisada*) — Oh !

Raquel — O senhor tem cada lembrança...

(*Cesário fica a falar com o Doutor em voz baixa, ao fundo da scena Maria e Raquel vão desenrolando as varias peças do enxoval. A cada momento, Maria solta, exclamações de alegria.*)

Maria (*pegando numa touca*) — Mamã... olhe a touca como é linda... com lacinhos côr-de-rosa...

Cesário (*tendo acabado de falar com o Doutor, para Maria*) — Gostas então da oferta do conselheiro ?

Maria — Imenso... E' tudo tão bonito... Que graça lhe ha de achar o Ricardo... onde estará êle ?...

Cesário — Foi ha bocado para o jardim... Olhem, vão vocês procura-lo... tu e o teu tio...

Maria (*para Afonso*) — Vamos, sim ? tiozinho...

Cesário (*para o Doutor, em voz baixa, enquanto Maria introduz de novo todas as roupas na caixa*) — Posso portanto contar contigo ? Leva-lhe um perdão misericordioso em vez duma carranca de pae de velha comedia, que te fica a matar, mas que para nada serve.

Afonso (*apertando-lhe a mão*) — Tens razão... tu tens sempre razão...

Maria (*saindo com o Doutor, alegrissima*) — Muito se ha de êle rir...

Raquel (*acompanha a sua filha com o olhar ; depois duma pausa, para Cesário*) — Se ela soubesse... (*não se podendo conter por mais tempo, caindo no sofá — num grito de desespero*) Ah !... mas que vae ser da minha vida, Cesário, que vae ser das nossas vidas ! ?...

PANO

ACTO TERCEIRO

*Uma salêta diante do quarto de Ricardo. Mobília clara. Varanda lateral para o jardim. Ao fundo, a porta do quarto de Ricardo, entreaberta, deixa ver um angulo do leito. — Seis horas da tarde. O acto deve terminar com uma luz crepuscular. — Quinze dias depois do acto anterior. **

SCENA I

Afonso — Cesário — por vezes, Raquel

Ao subir o pano, a scena está deserta. Aprecebem-se no quarto de Ricardo, Raquel debruçada sobre o leito do doente e Afonso — ao lado — de pé. Este sae do quarto. Raquel assenta-se á cabeceira de Ricardo. A porta continua entreaberta. Afonso, preocupado, passeia pela scena. Cesário entra depois de alguns segundos

Cesário (*entrando*)—Venho saber noticias do nosso doente. Como tem êle passado o dia ?

Afonso — O melhor possível. Aliás, nada ha já que temer. Daqui a uma semana, poderá mesmo levantar-se... (*apontando para o quarto de Ricardo*) Mas indaga tu proprio da sua saúde...

Cesário — Tens razão. O doente ali, e eu aqui a perguntar por êle... (*Entra no quarto encostando a porta sobre si involuntariamente. Afonso, em scena, continua com visiveis sinaes de preocupação. Cesário, passados alguns instantes, sae. Para Raquel que continua velando o doente*) Fecho a porta ?

Raquel (*dentro do quarto*) — Não. Está um calor abafadiço. E' bom que o ar circule. Deixe-a um bocadinho aberta.

Cesário (*cerrando muito pouco a porta*)— Está bem assim?

Raquel (*dentro do quarto*) — Encoste-a um pouco mais.

Cesário (*encostando mais a porta*) — Assim ?

* Em caso de necessidade, este acto poder-se-ha passar no mesmo scenario dos anteriores. Para isso supôr-se-ha que uma das quatro portas lateraes que a scena deve conter, é a do quarto de Ricardo.

Raquel (dentro do quarto) — Agora está muito bem.

(*Cesário desce. Avança para o Doutor que, imerso em profunda meditação, se deixou cair sobre uma poltrona e nem dá por êle*)

Cesário (batendo no ombro de Afonso) — Afonso...

Afonso (como que despertando dum sonho) — Cesário...

Cesário — Falei com o Ricardo. Encontrei-o optimamente disposto... (*depois de pausa*) A tempestade acalmou... dissiparam-se as nuvens... Volta o sol... (*um frouxo raio de sol da tarde reflectido pelo vidro de qualquer janela, entra pela varanda desaparecendo logo em seguida*) Olha, lá acode êle ao meu chamamento... Vem anunciar a felicidade... dar razão ás minhas palavras... A desventura é como as aves noturnas: os seus olhos não podem sustentar a luz do sol...

Afonso (que o não tem ouvido) — Falas comigo?

Cesário (muito admirado) — Hein!? Não me ouviste?...

Afonso — Não.

Cesário (elevando a voz, porque todo o acto — e especialmente esta scena — deve ser representado em voz não muito elevada por causa do doente) E' extraordinario... (*outro tom*) Depois, noto no teu rosto uma inexplicavel tristeza. Estás preocupado, nervoso... Que tens?..

Raquel (aparecendo á porta do quarto de Ricardo) — Chut... Falem mais baixo... Deixem-no adormecer. (*desaparece fechando a porta*)

Cesário (em voz mais baixa) — Que tens? Dize...

Afonso — Nada.

Cesário — Alguma coisa! No entanto não posso imaginar o que seja... O Ricardo está livre de perigo. A febre cessou quasi. Entrou, precisamente hoje, em plena convalescença... Estás triste... Devias estar muito alegre, parece-me...

Afonso (num sorriso doloroso) — Alegre...

Cesário (*depois dum pequeno silencio*) — Pensas no passado. Compreendo agora: é êle que te entristece... Pelo amor de Deus! O que lá vae, lá vae... O sucedido, ou coisa equivalente, era de esperar. Eu bem te tinha dito: «Não nos devemos importar com os outros, mas devemo-nos importar comnosco... com os nossos...» (*pequena pausa*) Uma scena terrivel, uma calúnia infame; é certo... Deixa-me dizer-te; foi melhor assim. Uma rajada violenta e tudo passou... Ficaste até conhecendo melhor o teu filho. Não é um character vulgar. Repara na impressão que o facto lhe causou: Outro teria chorado, sofrido muito — moralmente. Êle chorou, sofreu muito... e esteve a ponto de morrer... Essa febre cerebral, que não foi senão o resultado dum acontecimento a que nunca mais devemos aludir, valeu por um jacto de agua fria... lavou-lhe a alma e o coração. Esquecerá facilmente... esqueceu já... A doença ajudou muito o esquecimento. Por isso, abenção-a... Esquece portanto tu tambem, esqueçam todos, e acordem do mau sonho... continuem a viver... continuem a ser felizes!... (*vendo que Afonso continua silencioso e pensativo*) Ficas calado?...

Afonso (*tristemente*) — Que queres que te diga ? Meu pobre Cesário, nem as tuas palavras, nem as de ninguém, me podem dar — sequer — uma ilusão de esperança .. (*num grande desânimo*) Está tudo perdido...

Cesário — Está tudo perdido ! ?... A que te referes ?... Vamos, decifra-me o enigma...

Afonso — Não tem decifração.

Cesário — Divagas, Afonso... (*depois duma pequena pausa*) Escuta-me e responde : O que eu te disse ha pouco não será porventura verdadeiro e lógico ?

Afonso — Sem duvida...

Cesário — Então ?...

Afonso — Não sei.

Cesário — Não sabes o quê ?

Afonso (*não o ouvindo*) — Ha um pormenor que desconheces... Demais não é o passado que me preocupa .. é o futuro ..

Cesário — Decididamente não te compreendo ! Cada uma das tuas palavras é um mistério... O passado... o futuro... um pormenor que ignoro...

Afonso — Que ignoram todos menos eu.

Cesário — Coisa sem importancia, já vejo .. As outras sabem-se sempre...

Afonso — Erras meu velho. Pelo contrario, o importante é que.

Cesário (*atalhando*) — Esse pormenor ?

Afonso — Vaes conhece-lo.

Cesário — Fala.

Afonso — Naquela tarde terrivel, em seguida ao que sabes, Ricardo saiu desvairado para o campo. Voltou á noite, febricitante já. Evitou a presença de todos, fechou-se no seu quarto. Nós, depois de termos fingido jantar, dirigimo-nos cada um para os nossos aposentos. Calculas o meu estado... Tentei procurar no sono refugio para a minha dôr, mas o sono não veio. Levantei-me. Passiei durante algum tempo pela casa, até que resolvi passar o resto da noite no jardim, ao ar livre, porque me sentia sufocar. Eram duas horas da madrugada. Tomando pelo corredor, notei que havia luz no quarto de Ricardo. A porta estava aberta de par em par. Espreitei; dentro, ninguém. Com uma grande inquietação, ia-me a retirar. De subito, senti passos. Oculti-me na sombra e...

Cesário (*muito interessado*) — Que viste ?

Afonso — O Ricardo. Caminhava como um ébrio. Cambaleante, entrou para o quarto. Então, cheio de terror, vi que tirava da algibeira o meu revólver... Precipitei-me dum salto sobre êle... arranquei-lhe a arma das mãos... Ficou petrificado... Olhou para mim sem dizer uma palavra. Passados alguns segundos, lançou-se sobre o seu leito chorando convulsamente. — «Ricardo !» bradei por fim — «Meu pae — respondeu entre soluços — deixe-me. . não me diga nada... não me diga nada !...» Era tamanha a sua angústia, que me calei. Retirei-me. Fiquei velando perto. Na manhã seguinte, o meu filho delirava...

Cesário (*depois dum longo silencio*) — E' só isso ?

Afonso — Só.

Cesário — Nesse caso não encontro motivos para a tua preocupação. Esse acontecimento, vem provar melhor ainda tudo quanto asseverei: Foi tão grande o desgosto de Ricardo, de tal forma o horrorizou a sua odiosa suspeita que — alucinado — apenas julgou encontrar salvação na morte. Acudiste a tempo. A bala foi substituída pela febre... De tudo isto o que ressalta é a nobreza do seu caracter. Não sei mesmo para que me ocultaste o incidente durante tantos dias...

Afonso — E' que o interpretei de modo diverso. Supúz que no seu espirito houvesse ainda uma dúvida e que por isso... (*mudando de tom*) Sinto porém agora que a razão está do teu lado... tenho a certeza absoluta...

Cesário — Ora até que finalmente consegui dissipar as tuas preocupações!...

Afonso — Enganas-te. Já to disse: não é o passado que me preocupa; é o futuro... o futuro...

Cesário — Exactamente. Passemos a falar do futuro. Entrevejo-o bem risonho...

Afonso (*atalhando*) — Não, rogo-te... não me fales no futuro...

Cesário — Lá isso, Afonso, quer queiras quer não...

Afonso — Não me fales do futuro... pelo menos agora... Deixa-me... deixa-me em paz...

Cesário — Mas...

Afonso — Deixa-me só. E' o melhor serviço que me podes prestar neste momento.

Cesário (*que se tem encolerizado, levanta a voz e dá um murro na mesa gritando*) — Com mil diabos... ! O' homem, tu...

Raquel (*aparecendo á porta do quarto de Ricardo*) — Pelo amor de Deus, Cesário, não faça tanto barulho... Acorda-me o Ricardo.

Cesário — Tem razão. Perdõe-me... O culpado é o Afonso. Está insuportável... (*para o Doutor*) Bem, retiro-me... por causa do Ricardo e porque não estou em estado de discutir serenamente... Fizeste-me perder toda a paciência... Mas não me escapas, descansa... (*sae bruscamente*)

SCENA II

Afonso — Raquel

Afonso (*como que involuntariamente, chamando Raquel que vae a entrar para o quarto de Ricardo*) — Raquel...

Raquel (*voltando-se, fechando a porta — docemente*) — Afonso...

Afonso (*decidindo-se a falar depois de pequena pausa*) — Quanto lhe agradeço, querida amiga, a dedicação com que tem

tratado do meu filho. A Raquel e a Maria têm sido dois verdadeiros anjos de caridade. *(pegando-lhe na mão)* Obrigado.

Raquel *(sorrindo com doçura)* — Agradecimentos... entre nós...

Afonso *(sentando-se no mesmo sofá onde já se sentou Raquel; ambos um pouco constrangidos)* — O que eu tenho sofrido...

Raquel — O que nós temos sofrido...

Afonso *(depois dum pequeno silencio)* — A Raquel é uma santa. Creou e educou Ricardo como um filho, e agora ajuda-o a salvar da morte. Como lhe poderei pagar tanta dedicação?

Raquel — Sendo sempre muito meu amigo.

Afonso *(beijando-a na testa)* — Um irmão... que a adora...

Raquel *(um pouco confusa com o beijo do cunhado, murmurando)* — Um irmão... *(Mas ambos sentem que as suas bocas estão prestes a unirem-se. Por isso separam-se bruscamente levantando-se dum salto)* Ah! a minha vida transformou-se num verdadeiro inferno!

Afonso — As nossas vidas...

Raquel *(prossequindo)* — ...Uma tortura constante... a espiar todos os olhares... todas as conversas... Sentimo-nos outros... sempre constrangidos... mal ousando erguer os olhos... com medo... sempre a recear... Se a Maria soubesse... Que vergonha para mim se ela suspeitasse... *(mudando de tom)* Já não somos um para o outro o que éramos. Bastou apenas uma calúnia infame para nos separar... para despedaçar as nossas vidas... Que fazer? que fazer?

Afonso — Ha uma unica solução: a minha partida.

Raquel — Que nas presentes circunstancias parecerá a topos uma fuga. *(a um gesto do cunhado)* Sim, como explica-la?

Afonso — Aquela missão scientifica que em tempos me ofereceram e que eu recusei. Como sabe, já tornaram a insistir para que eu a aceitasse.

Raquel — Separarmo-nos?... Tantos anos sem nos vermos... Sabê-lo exposto a tantos perigos... tão longe...

Afonso — Viverei feliz com a certeza de que os nossos filhos o serão.

Raquel — Mas separar-nos, Afonso, é superior ás minhas forças!

Afonso — Tambem a mim me custa muito. Não obstante, a minha resolução é inabalável. Assim que o Ricardo estiver completamente restabelecido, partirei. Só depois da minha partida se deverá realizar o seu enlace com Maria.

Raquel *(torcendo as mãos com desespero)* — Oh... Afonso... Afonso!...

Afonso — Repito: a minha resolução é inabalável. Não devo ficar... não posso ficar aqui! *(vae a sair.)*

Raquel *(numa subita expansão, num grito de angústia, sustendo o movimento da saída do Doutor)* — Afonso! não vá... não me abandone... não me abandone... supplico-lhe!...

Afonso *(descendo)* — O quê!?

Raquel (*desfalecendo*) — E' que eu não posso viver sem ti ..

Afonso (*enlaçando-a*) — Amas-me ?

Raquel (*num murmúrio*) — Não sei. . ou antes, é certo . . só agora compreendo que...

Afonso (*numa fúria colando os lábios aos de Raquel*) — Que nos amamos há muito !... Raquel... minha Raquel...

(*No momento em que, depois de se terem abraçado longamente, se separam desembriagados, entra Maria. Afonso e Raquel ficam perturbadíssimos.*)

SCENA III

Os mesmos — Maria

Maria (*também perturbada*) — Venho substituir a mamã... Deve estar fatigada.

(*Raquel, sem forças para articular uma palavra, faz um gesto afirmativo apenas esboçado. Ao mesmo tempo olha angustiosamente para Afonso, aterrorizada com a ideia de que sua filha tivesse surpreendido o beijo entre eles trocado. Sempre sem dizer uma palavra, sae vacilante*)

Afonso (*beijando Maria na testa*) — Minha linda enfermeira... (*depois de a ter beijado*) Eu também vou descansar um pouco. Até logo...

(*Afonso sae. Maria, depois dum momento de reflexão, entra para o quarto de Ricardo deixando a porta entreaberta. Passado um instante, aparece Cesário. Procura alguma coisa que não acha. Maria sae de mansinho do quarto, fechando agora a porta*)

SCENA IV

Maria -- Cesário

Maria — Procura alguma coisa, sr. Cesário ?

Cesário — Ando doido a vêr se acho o meu cachimbo. Não sei onde o meti...

Maria — Deixe o cachimbo. Quanto mais tarde o encontrar, mais tarde fumará.

Cesário — Querem vêr que foste tu que mo encondeste ?

Maria — Juro-lhe que não. (*pausa, outro tom*) Sr. Cesário, ainda bem que veio aqui. Preciso falar consigo... muito a sério... muito a sério... fazer-lhe um pedido...

Cesário — Nesta casa, hoje, tudo são mistérios ! Ainda agora teu tio... agora, tu... Dize o que queres... Mais algum conselho acerca do enxoval ?

Maria — Peço-lhe que não brinque. E' grave o que lhe vou pedir. Muito grave... muito importante... Vindo da minha bôca, parecer-lhe-ha sobretudo muito estranho ..

Cesário — Intrigas-me devêras

Maria — Falarei com toda a franqueza... sem rodeios...

Eu sei o que se tem passado nesta casa ; sei porque o Ricardo está doente. Sei, ou pelo menos pressinto as razões. Mas não é disto que se trata ; é doutra coisa — duma coisa que o senhor ignora talvez. Promete escutar-me ? Promete aceder aos meus desejos ? E' chegado o momento de pagar a aposta perdida...

Cesário — Fala. Satisfarei o teu desejo seja êle qual fôr. Ainda que me obrigues a partir hoje para a China, de aeroplano...

Maria — Mais uma vez lhe rogo que não gracieje ; que me escute com toda a atenção...

Cesário — Começa.

Maria — Não sei como hei de começar, nem como exprimir-me... Entretanto o que eu lhe quero dizer, é bem pouco e bem simples... E' só isto : Descobri porque minha mãe e meu tio continuam a sofrer, porque sofrem, agora que o Ricardo está livre de perigo. Sim, sei muito bem porque é... Uma noite — deviam ser onze horas — ia a entrar no quarto do meu primo quando deparei com um enternecedor quadro : Ricardo dormia profundamente... No sofá, defronte do seu leito, meu tio e minha mãe também dormiam. A fadiga vencera-os, e — de mãos dadas ; nos rostos a expressão duma inesfável ternura — reclinavam as cabeças, um no ombro do outro. Contemplei-os durante alguns minutos. Finalmente, de mansinho, pé-ante-pé, retirei-me... Compreendera tudo — insensivelmente, penetrara nas suas almas. Depois, a minha convicção mais se fortaleceu. Mil pequenos nada... Agora mesmo, por exemplo : Cheguei aqui, conversavam .. a minha chegada perturbou-os... E andam tão tristes... tão tristes... Emfim... *(detem-se embaraçada)*

Cesário — Adquiriste a certeza de que êles se amam.

Maria — Como foi bom em poupar-me as palavras mais difíceis .. A minha descoberta alegrou-me, sabe ? São ambos tão bons... tão bons... Quando éramos felizes, havia no emtanto uma nuvem invisível que obscurecia um pouco a nossa felicidade. Percebo agora... sr. Cesário, desfaça essa nuvem .. eis o meu pedido ..

Cesário — Minha filha, tudo o que disseste já eu o sabia... ha muito tempo. O que me pedes, já o tencionava fazer... Ah ! mas deixa-me beijar-te... Que corajosa mulherzinha tu és, querida Maria ! *(beija-a)* O teu procedimento enche-me de júbilo... Minha filha... minha querida filha... *(beija-a de novo, limpando uma lágrima)* Marôta ! até me fizeste... *(vae a dizer «chorar» mas emenda a tempo)* comover... E's o anjo bom deste lár... E's digna de todas as venturas... e tu e os teus — juro-o ! — hão de ser venturosos... ou eu não seja o Cesário !...

Maria — O senhor é que é o anjo bom desta casa. Nunca esquecerei o que lhe devemos. *(sorrindo)* E não tem que pensar mais na aposta .. Perdeu-a, mas pagou a já... *(um toque de campainha)* E' o Ricardo que chama. *(Maria entra no quarto de Ricardo. Cesário aproveita a sua ausencia para limpar outra lágrima. Maria aparece á porta dizendo:)* Acordou... Diz que

vae adormecer de novo e que me quer ter á sua cabeceira...

Cesário — Faze-lhe a vontade... Vae velar, pombinha, pelo sono do teu pombinho... (*Maria desaparece para dentro do quarto fechando a porta. Cesário, só em scena, exclama num gesto:*) Eu velarei por todos ! (*Fica pensativo como que querendo tomar uma decisão. Resolve-se a sair, Afonso, porém, entra*)

SCENA V

Cesário — Afonso — Raquel — no fim, Maria

Cesário (*vendo entrar Afonso*) — Ainda bem que appareces. Ia justamente á tua procura. Preciso falar contigo.

Afonso — Estou ás tuas ordens.

Cesário — E' pêne que a tua cunhada tambem aqui não esteja... Olha, faze-me o favor de a ir chamar.

Afonso — Mas...

Cesário — O assunto interessa a ambos.

Afonso — Nesse caso... (*sae e volta logo em seguida com Raquel*) Aqui nos tens.

Cesário — Meus amigos, tenho que falar com os dois numa coisa importantissima que vou atacar sem rodeios... Trata-se das vossas vidas, da felicidade dos vossos filhos... e do futuro de todos !

Raquel — Não compreendo...

Afonso — Não sei onde queres chegar...

Cesário — Incumbiram-me duma espinhosa missão... (*mudando de tom, sorrindo*) Mas vocês já repararam que eu estou tomando o meu papel muito a sério?... Finalmente é tudo quanto ha de mais simples... (*com solenidade, para Raquel*) Minha senhora, tenho a honra de pedir a sua mão para o meu amigo e seu cunhado o Dr. Afonso da Silveira... (*Raquel e Afonso soltam uma exclamação de espanto. Cesário continua imperturbável*)... socio da Academia das Sciencias de Portugal...

Afonso (*interrompendo-o*) — Oh ! pelo amor de Deus, Cesário, não prossigas !...

Raquel — Mas que significa isto !?... (*numa subita lembrança, olhando para o quarto de Ricardo, num grito abafado*) A Maria !?...

Cesário (*simplesmente*) — A Maria.

Raquel (*caindo no sofá, soluçando*) — Oh ! que vergonha... que vergonha... ter de corar diante da minha filha !...

Cesário — Para que são tantos espantos ? Riram-se, desde-nharam das minhas palavras, certos de que os seus corações estavam mortos... bem mortos. O coração porém, nunca morre ; uma alma anseia sempre por outra alma... Depois eu tenho para o amor, para esse sentimento misterioso que os poetas costumavam sintetizar em lindos versos que nada querem dizer, uma definição muito minha e que me não parece andar muito longe da ver-

dade : O amor, digo eu, é em geral o complemento duma grande amizade—portanto a maior de todas. E' por isso que o filho troca a mãe pela amante, que o pae lhe sacrifica a sua prole... Assim, vocês — novos e completamente livres — dedicando um ao outro uma doce e carinhosa afeição ; sentiam que ela aumentava, que se ia estreitando numa intimidade de todos os dias. Essa intimidade era nos primeiros tempos simplesmente amigavel... Mas os ânos foram decorrendo, as almas compreendendo-se cada vez melhor, até que enfim se comprehenderam inteiramente. Era fatal. Mais tarde ou mais cedo, isto tinha de succeder. No entanto um facto da vida, resultante ainda do mal entendido, veio precipitar os acontecimentos... No meio duma tragedia intima, essa afeição precisou de aumentar. Para resistirem melhor á borrasca, vocês deram-se as mãos, e agora — dizem — já não é amizade, é amor... Como é amor, choram ! Ah ! meus amigos, esse sentimento nunca deve ser recebido com lágrimas... risos... risos, é que são proprios para festejar a sua chegada... Uma felicidade nova vos é oferecida ; na vossa existencia, uma nova faze — a mais sorridente — se anuncia, vae começar... Eis tudo... E este tudo é bem natural, é bem lógico. O contrario seria singular, impossivel mesmo... A frase é rude, mas julgo-a verdadeira ; por isso não hesito em proferi-la : a intimidade das almas exige a dos corpos — em circunstâncias como as vossas, é claro — porque os homens... são animaes...

Afonso — As tuas palavras bem intencionadas e sinceras, tenho a certeza, não podem todavia...

Cesário (*sem o ouvir*) — Sim ! uma nova felicidade — agora completa, desassombrada — se vos oferece. Vocês querem-na repelir... Oh ! mas em tal é que eu não consentirei ! (*outro tom*) Examinemos friamente a situação, procuremos-lhe uma saída e vejamos aonde vamos dar : Tu e Raquel têm o direito á felicidade ; têm o dever de ser felizes por causa dos seus filhos. Desta maneira...

Afonso (*atalhando*) — Dizes que encaremos friamente a situação. Muito bem : Suponhemos que aceitavamos a tua proposta. O que é que fariamos com isso ? Nada menos do que confirmar pela mais concludente das provas, todas as aleivosias com que nos infamaram...

Cesário — O que querem fazer nesse caso ? Meus amigos, por amor de Deus deixem-se de romantismos ! Para que tornar uma coisa tão simples numa coisa tão complicada ? Eu bem sei que é velha mania da especie humana complicar as coisas mais simples. Mas que demónio, vocês são duas creaturas inteligentes, são de alma e de corpo despidas de preconceitos — duas creaturas que têm uma consciencia propria e não a consciencia da «maioria», essa consciencia-padrão, miudinha e falsa, que permite tudo menos a franqueza, que transforma evangelhos em scretas vergonhas ! Ambos me disseram isto tanta vez ! Ambos o demonstraram tão proveitosamente na educação que deram a seus filhos !.. Eis pelo que a vossa attitude de hoje me desconcerta

e me indigna ! Vocês estão resvalando para a hipocrisia ! Que querem fazer, com mil raios, que querem fazer ! ?...

Afonso — Continuaremos a mesma vida...

Cesário — E' impossível ! Tu sábe-lo melhor do que eu... muito melhor...

Afonso — Partirei. Foi até o que já resolvi.

Cesário — Partir ! ? Mas para que despedaçar um futuro com o qual podem ser todos tão venturosos ! ? Enlouqueceram, não ha dúvida ! Dir-se-hia que cometeram um crime e que o desejam expiar ! Estão doidos varridos... (*outro tom*) O vosso enlace, repito, é a unica solução possível. Não julguem que falo por amor da moral, dessa moral tôla de convenções e de parvoeiras. Foi coisa que nunca me importou. O caso é outro: é que vocês têm filhos, um homem e uma mulher, que perceberiam imediatamente o que se passava entre os dois. Não ha nada como as situações claras, e isso não seria uma situação clara. Demais, se é a forma como esse acto póde ser interpretado pelos outros que os aterrorisa — que diabo ! — vão viver todos para o estrangeiro ; saiam deste país onde nada-os prende, onde nunca foram felizes. Não se deve fazer caso do «mundo», no emtanto a sua voz incomoda como o uivar dum cão. Afastem-se pois dêle e, socegados e satisfeitos consigo próprios, gosarão duma ventura perduravel, livre de todas as nuvens, que foi coisa que vocês nunca conheceram: a vossa felicidade foi sempre ou intermitente ou sombreada... Eis o que devem fazer e o que hão de fazer !

(Longo e profundo silencio. Raquel que—calada—tem seguido com a maxima atenção a conversa dos dois amigos, exclama por fim para Cesário).

Raquel — Parece-me que tem razão... A minha filha presenciou tudo... Que lhe disse ela ?

Cesário — Pediu-me para interceder junto dos dois...

Raquel — Querido anjo ! (*para Afonso*) Sim, Afonso, o Cesário tem razão. Separarmo-nos para nada serviria. Ela sabe tudo... os outros não deixariam de nos caluniar. Como êle o disse, isto era fatal. Tínhamos confiado demasiadamente nas nossas forças... Mas que importa se vamos ser tão felizes?...

Afonso (*beijando-a na testa, convencido e muito comovido*) — Minha Raquel... minha adorada Raquel...

Cesário — Ora até que emfim ! Custou, mas sempre se convenceram... Querem que lhes diga: Vocês estavam mortos por isso mesmo. O que tinham era vergonha de ser francos...

Raquel e Afonso (*abraçando-o*) — O nosso bom amigo... o nosso grande amigo...

Cesário (*comovido*) — Então... então... Se continuam acabam por me fazer chorar... a sério...

Raquel — Viveremos eternamente numa doce e bela existencia...

Afonso (*para Cesário*) — Tu nunca mais nos deixarás, é claro...

Cesário — Se vocês tiverem a pachorra de me aturar...

(outro tom) Mas felizmente que nem tu, nem Raquel têm uma irmã solteira...

Afonso — Porquê?

Cesário — Era capaz de me apaixonar também. (*Raquel e Afonso sorriem. Pequeno silêncio*) Ah! E' verdade... Não sei se sabem que eu hei de ser padrinho dos dois casamentos e de todos os meninos que dêles nascerem...

Afonso (*rindo*) — Chegas a ser inconveniente, Cesário...

Cesário (*pensativo, depois dum momento*) — Afinal, no meio de tudo isto, só eu é que fico solteiro...

Raquel — Procure também uma noiva...

Afonso — Decerto. Quem tu impede?

Cesário — Uma noiva?... (*depois de ter refletido*) Têm razão. Caso com a primeira afilhada que nascer. (*Emquanto diz estas palavras, Raquel e Afonso sem o ouvirem, alheados a tudo, contemplam-se meigamente de mãos dadas. Maria abre de mansinho a porta do quarto de Ricardo. No seu rosto paira uma inter-rogação muda. Cesário ao vê-la, aponta-lhe o grupo formado pela sua mãe e pelo seu tio, exclamando:*) Minha filha, pela vez primeira, uma carta anónima fez a felicidade dum lár!...

PANO

Lisboa, dezembro 1909 — abril 1910.

NOTA

O quotidiano teatral de Paris *Comœdia*, publicou no seu numero de 6 de julho de 1910 as seguintes linhas :

Lisbonne, le 3 juillet 1910.

Monsieur le rédacteur,

Les théâtres portugais vivant surtout de traductions françaises, nous vous prions, monsieur le rédacteur, l'insertion de ces lignes :

Nous sommes auteurs d'une pièce en trois actes, dont le titre, qui était déjà arrêté en septembre 1909, c'est «Amizade», Amitié, en français.

M. Jules Lemaître, l'éminent académicien, ayant conclu une pièce du même titre, nous faisons cette déclaration parce que nous ne voulons pas être accusés de plagiaires — s'il est que le sujet de M. Lemaître offre quelques similitudes avec le nôtre.

Nous avons conclu notre pièce en avril dernier, et nous espérons qu'elle verra les feux de la rampe la prochaine saison.

Recevez, monsieur le rédacteur, avec nos remerciements, l'expression de notre grande reconnaissance.

Tomás Cabreira Junior

Mario de Sá-Carneiro

Até hoje, a peça do Sr. Julio Lemaître não foi nem representada nem publicada.

Ultimas novidades theatraes

Abençoada chuva ! , comedia em 1 acto, 2 h. 2 s....	120
Adultera , comedia em 1 acto, 3 h.....	120
Agulheiro , drama em 1 acto, 1 h. 1 s.....	120
Alegrias do lar , comedia em 3 actos, 5 h. 3 s.....	300
Amanhã ! drama em 1 acto, 2 h. 1 s.....	200
A' margem do codigo , drama em 3 actos, 6 h. 2 s..	300
A's onze e meia , comedia em 3 actos, 6 h. 2 s....	300
Attribulações d'um Anacleto , com. em 1 acto, 3 h. 3s	120
Boubourouche , comedia em 2 actos, 7 h. 1 s.....	240
Calisto J.^{or} , comedia em 1 acto, 3 h. 2 s.....	120
5 de outubro , episodio da revolução em 2 actos. 6 h. 2 s.	200
Conspiração , comedia em 1 acto, 3 h. 1 s.....	120
Convicções do papá , comedia em 1 acto, 3 h. 1 s...	200
Das 3 ás 5 , comedia em 1 acto, 4 h. 1 s.....	120
Escalda favaes , comedia em 1 acto, 4 h. 3 s.....	120
Filhos da miseria , drama em 4 actos, 8 h.....	500
Gato por lebre , comedia em 1 acto, 6 h. 2 s.....	200
Genro do sr. Poirier , comedia em 4 actos, 6 h. 1 s.	300
Guerra Valente , comedia em 1 acto, 1 h. 2 s.....	120
Honra de fidalgo , drama em 1 acto, 2 h. 2 s.....	120
Mocaca do Belchior , comedia em 1 acto, 5 h. 1 s...	120
Macacos no sotão , comedia em 1 acto, 6 h.....	120
Marido improvisado , comedia em 1 acto, 2 h. 1 s...	120
Norberta , comedia em 1 acto, em verso, 2 h. 1 s.....	200
Senhora da paz , comedia em 1 acto, 4 h. 2 s.....	120
Somnambola , comedia em 1 acto, 2 h. 1 s.....	120
Uma teima , comedia em 1 acto, 1 h. 1 s.....	200
Um concerto na trapelra , comedia em 1 acto, 3h. 3 s	120
Um engano todos teem! , com. em 1 acto, 5 h. 1 s....	120
Um quarto d'hora em Bilhafolles , farça em 1 acto, 4 h.....	120
Voz do sangue , comedia em 3 actos, 4 h. 3 s.....	400

MANUAL
DO
AMADOR-DRAMATICO

Guia pratico da arte de representar

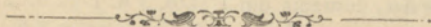
POR
AUGUSTO GARRAIO
*Escriptor dramatico e ensaiador de longa
pratica nos theatros de Lisboa e Porto*



2.^a edição

REVISTA E AUGMENTADA PELO AUCTOR

Um primoroso volume elegantemente cartonado 500 réis
brochado 400 réis, pelo correio mais 25 réis.



ALMANACH DOS PALCOS E SALAS

Desde 1903 até 1912

Primorosa collecção illustrada com 40 retratos dos
mais distinctos artistas dramaticos.

Contendo 110 monologos e cançonetas para theatro e
sala, scenas comicas, dialogos, duettos e tercettos, co-
medias e dramas em 1 acto, coplas de revistas e ope-
retas, romanzas, fados, valsas, contos, artigos sobre
theatro, fabulas, anedoctas, pensamentos, etc.

10 elegantes volumes que abrangem mil paginas
de leitura interessante e util para os amadores drama-
ticos.

**Preço da collecção 1\$800 réis, franco
de porte pelo correio.**



Preço 300 réis

